

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

André Carelli Shervis

**O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TÁTICO ROMANO NA SEGUNDA
GUERRA PÚNICA**

**Resende
2019**

André Carelli Shervis

**O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TÁTICO ROMANO NA SEGUNDA
GUERRA PÚNICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Cel Alexandre Neves Lemos Esteves

Resende
2019

André Carelli Shervis

**O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TÁTICO ROMANO NA SEGUNDA
GUERRA PÚNICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019

Banca examinadora

ALEXANDRE NEVES LEMOS ESTEVES- CEL
(Presidente/Orientador)

MARCIO SOUZA DE PINHO- MAJ

CARLOS ROBERTO PERES- CEL REFM

Resende
2019

Dedico este trabalho à minha família, por todo o apoio incondicional, por estarem ao meu lado nos piores momentos, por transformarem as minhas dúvidas em certezas e em motivação para vencer.

AGRADECIMENTOS

Seria injusto tentar agradecer a todos os responsáveis pelo meu sucesso em tão poucas linhas. São tantas pessoas que estiveram comigo nos momentos bons e ruins, ensinando, aconselhando, incentivando, que seria impossível eu me referir a cada uma delas individualmente, da forma como eu gostaria. Eu não conseguiria escrever tudo o que quero nem que fizesse um livro apenas para isso, então, com certeza, não vou ter sucesso com só uma página de espaço.

Por isso, de maneira quase genérica, agradeço em primeiro lugar à Força suprema do Universo, seja ela qual for, por ter até hoje colocado a fortuna a meu favor;

Agradeço a minha família, meu porto seguro e fortaleza, pelo apoio em todos os passos que dei, pelo esforço que dispensaram aos meus estudos, por nunca me deixarem desistir, e por todas as coisas que não posso escrever aqui, mas que estarão sempre na minha memória e no meu coração;

Aos meus professores e instrutores, desde a época do ensino fundamental até os da Academia, por contribuírem, cada um a sua maneira, com a construção da minha base. Saibam que cada tijolinho foi muito importante para que eu tenha conseguido ser o que sou hoje;

Aos meus amigos do mundo civil, por todas as risadas, pelos momentos em que vocês me ajudaram a recarregar as baterias para que eu pudesse prosseguir, e por estarem comigo sempre que eu precisei;

Aos companheiros da Turma “70 anos da vitória da FEB”, por cada minuto de convivência nos últimos cinco anos, por conseguirem transformar as piores situações em lembranças engraçadas, por me ensinarem o que é companheirismo e camaradagem.

RESUMO

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TÁTICO ROMANO NA SEGUNDA GUERRA PÚNICA

AUTOR: André Carelli Shervis

ORIENTADOR: Cel Alexandre Neves Lemos Esteves

A Segunda Guerra Púnica foi um dos conflitos ocorridos entre as civilizações de Roma e Cartago. Aconteceu entre os anos de 218 a.C. e 202 a.C., e resultou na vitória romana, com a aquisição de províncias cartaginesas na Península Ibérica, em uma multa pesada e na limitação dos meios bélicos da civilização africana.

Este trabalho procura estabelecer quais foram os motivos da vitória romana e se uma maior utilização dos princípios de guerra por parte dos comandantes romanos contribuiu para o triunfo de Roma. Para isso, são apresentados quais são os princípios de guerra e quais são suas características. Em seguida, há uma comparação entre as duas civilizações conflitantes, quanto as suas culturas, história, composição da sociedade e, principalmente, composição dos exércitos, táticas e estratégias utilizadas.

O trabalho segue com a descrição dos acontecimentos durante a segunda guerra púnica, organizados na ordem cronológica. Após isso, são apresentadas as principais batalhas e campanhas da guerra, com as táticas empregadas por ambos os contendores, e com quais princípios de guerra essas táticas são compatíveis ou incompatíveis.

Palavras-chave: Guerras Púnicas, Roma, Cartago, História militar, Antiguidade Clássica

ABSTRACT

THE DEVELOPMENT OF ROMAN TACTICAL THINKING IN THE SECOND PUNIC WAR

AUTHOR: André Carelli Shervis

ADVISOR: Cel Alexandre Neves Lemos Esteves

The Second Punic War was one of the conflicts between the civilizations of Rome and Carthage. It happened between the years of 218 B.C. and 202 B.C., and resulted in a Roman victory, with the acquisition of Carthaginian provinces in the Iberian Peninsula, a heavy fine and the limitation of the warfare means of the african civilization.

This work seeks to establish the reasons for the Roman victory and whether greater use of the principles of war by the roman commanders contributed to the triumph of Rome. For this, it is presented what are the principles of war and what are their characteristics. Then there is a comparison between the two conflicting civilizations, as to their cultures, history, composition of society and, mainly, composition of the armies tactics and strategies used.

The work follows with the description of the events during the second Punic war, arranged in chronological order. After that, the main pitched battles of the war are presented, with the tactics employed by both contenders, and with what principles of war these tactics are compatible or incompatible.

Keywords: Punic Wars, Rome, Carthage, Military history, Classical Antiquity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Território Romano em 218 a.C.....	24
Figura 2-Território Cartaginês em 218 a.C.....	25
Figura 3-Exército Consular Romano.....	34
Figura 4-Batalha do Trébia.....	53
Figura 5-Batalha do Lago Trasimeno.....	56
Figura 6- Batalha de Canas.....	59
Figura 7-Assalto à Nova Cartago.....	63
Figura 8-Batalha de Ílipa.....	66
Figura 9-Batalha do Metauro.....	69
Figura 10-Batalha de Zama.....	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	12
2.1	REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA.....	12
2.1.1	Princípios de guerra	12
2.1.2	Batalha	13
2.1.3	Levantamento Geográfico de Área	14
2.2	REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS.....	15
2.2.1	Tipo de pesquisa	15
2.2.2	Métodos	15
3	PRINCÍPIOS DE GUERRA	16
3.1	OBJETIVO.....	16
3.2	OFENSIVA.....	16
3.3	SIMPLICIDADE.....	17
3.4	SURPRESA.....	17
3.5	SEGURANÇA.....	18
3.6	ECONOMIA DE FORÇAS.....	18
3.7	MASSA.....	19
3.8	MANOBRA.....	19
3.9	MORAL.....	20
3.10	EXPLORAÇÃO.....	21
3.11	PRONTIDÃO.....	21
3.12	UNIDADE DE COMANDO.....	22
4	ROMA E CARTAGO	23
4.1	FATORES FISIAGRÁFICOS.....	23
4.2	FATORES PSICOSSOCIAIS.....	26
4.3	FATORES POLÍTICOS.....	29
4.4	FATORES ECONÔMICOS.....	31
4.5	SISTEMAS MILITARES.....	32
5	SEGUNDA GUERRA PÚNICA	37
5.1	ANTECEDENTES.....	37

5.2	CAUSAS.....	39
5.3	TRAVESSIA DOS ALPES.....	40
5.4	A GUERRA NA ITÁLIA.....	41
5.5	A GUERRA NA SICÍLIA.....	44
5.6	A GUERRA NA ESPANHA.....	45
5.7	A GUERRA NA ÁFRICA.....	48
5.8	CONSEQUÊNCIAS.....	49
5.9	MOTIVOS DA VITÓRIA ROMANA.....	50
6	BATALHAS DA SEGUNDA GUERRA PÚNICA.....	52
6.1	TRÉBIA.....	52
6.1.1	Análise.....	54
6.2	LAGO TRASIMENO.....	55
6.2.1	Análise.....	57
6.3	CANAS.....	57
6.3.1	Análise.....	61
6.4	NOVA CARTAGO.....	61
6.4.1	Análise.....	64
6.5	ÍLIPA.....	64
6.5.1	Análise.....	67
6.6	METAURO.....	68
6.6.1	Análise.....	70
6.7	ZAMA.....	70
6.7.1	Análise.....	74
7	CONCLUSÃO.....	75
	REFERÊNCIAS.....	77

1. INTRODUÇÃO

A civilização romana forjou um dos maiores impérios da antiguidade, que se estendia, em seu auge, desde a Grã-Bretanha até o Egito. Não apenas por sua extensão territorial, o Império Romano é reconhecido até hoje por influenciar o mundo moderno, seja no Direito, no idioma ou na cultura em geral, tanto que, junto a Grécia, compõe o que se chama de antiguidade clássica.

No caminho para chegar à potência que se tornou, Roma precisou passar por muitos conflitos. No início, os inimigos eram as tribos italianas rivais, quando a “Cidade Eterna” era apenas uma cidade. Depois, passaram a ser as potências helênicas e orientais, ricas tanto em prestígio quanto em poder. Entre esses numerosos conflitos, entretanto, destacam-se as Guerras Púnicas.

Cartago era uma cidade do norte da África, originariamente uma colônia fenícia, mas que se tornou independente devido à sua prosperidade. Controlava a maior parte do comércio no Mediterrâneo ocidental, em cujas costas tinha numerosos entrepostos comerciais, além de controlar territórios na Espanha e nas ilhas entre a Europa e a África.

Entre 264 a.C. e 146 a.C., Roma e Cartago travaram três guerras, que culminaram com o domínio romano sobre o Mar Mediterrâneo e com a destruição da capital cartaginesa. Mais de meio milhão de cartagineses (ou *poeni*, como eram conhecidos pelos romanos, o que dá o nome aos conflitos) foram mortos ou vendidos como escravos após a tomada da cidade.

No contexto militar, a Segunda Guerra Púnica foi a mais importante dentre os conflitos envolvendo Roma e Cartago. Não apenas por ter de fato definido o destino das duas civilizações (a Terceira Guerra Púnica reduziu-se, praticamente, ao cerco e destruição de Cartago), mas também por terem dela participados alguns personagens que, tanto à época quanto posteriormente, foram aclamados como gênios militares. Os cartagineses tinham Aníbal Barca, enquanto Roma contava com Cipião. Além deles, diversos líderes capazes também se destacaram esporadicamente, o que tornou o conflito recheado de movimentos, manobras e estratagemas estudados até hoje nas academias militares (GOLDSWORTHY, 2016).

O objetivo deste trabalho é verificar, através de pesquisa bibliográfica, a importância da adoção dos princípios de guerra por parte dos romanos para alcançar a vitória na Segunda Guerra Púnica. Para isso, serão analisadas, baseando-se nos princípios de guerra, as principais batalhas dessa guerra do ponto de vista tático e, após isso, comparadas a eficiência dos comandantes romanos no início e no final do conflito.

Este trabalho está estruturado em sete capítulos. O presente capítulo trata da introdução. O segundo é uma revisão da literatura, com a apresentação de definições importantes sobre os assuntos que serão abordados. A seguir, será apresentado o referencial metodológico, no qual são apresentados os objetivos, a hipótese inicial, e os procedimentos de pesquisa adotados.

No terceiro capítulo são apresentados quais são os princípios de guerra e o que significam, com exemplos de sua boa utilização através da história. No quarto capítulo haverá a apresentação das características das civilizações de Roma e Cartago, utilizando-se do método do Levantamento Geográfico de Área (LGA). No quinto capítulo haverá um breve histórico sobre o que foram as Guerras Púnicas, seus motivos e consequências. Haverá um resumo sobre a Primeira Guerra Púnica e, em seguida, o relato sobre a Segunda. Serão abordados os principais acontecimentos políticos em ambos beligerantes, os movimentos de tropas nos teatros de operações, as estratégias empregadas pelos comandantes e o resultado das batalhas de campo.

No sexto capítulo serão apresentadas em maiores detalhes as batalhas de maior importância na guerra, quais foram as táticas empregadas pelos dois lados, qual foi a disposição das tropas, como elas se movimentaram ao longo da luta, e como a batalha se desenrolou. Serão analisados os princípios de guerra seguidos e negligenciados pelos comandantes. No sétimo capítulo, baseado nas análises realizadas no capítulo 6, haverá a conclusão sobre as causas da vitória romana, e se o melhor entendimento dos princípios de guerra auxiliou no resultado favorável a Roma.

Essa pesquisa se justifica pois, além de tratar-se de um conflito que ajudou a escrever uma parte importante da história da humanidade, uma análise sobre o modo como os personagens da antiguidade lidavam com situações que eram novas para eles pode ajudar os líderes do século XXI a tomar decisões. Havia muito pouco escrito sobre teoria da guerra no século III a.C., e mesmo assim houve comandantes que dominaram nos campos de batalha. Do mesmo modo, hoje há pouca probabilidade de se saber o que será encontrado no terreno complexo da Era da Informação, mas é preciso tomar decisões sensatas que levem ao cumprimento das missões.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA

O assunto deste trabalho encontra vasta bibliografia, o que facilitou em muito a pesquisa. Por ser sobre uma parte importante da ascensão de um dos impérios mais dominantes e duradouros da história, a Segunda Guerra Púnica foi discutida através dos séculos, com enfoques diferentes. No século XIX, por exemplo, historiadores alemães debateram o tema à exaustão, interessados no componente militar de Roma. Por isso, os estudos sobre os acontecimentos dessa época contribuíram em muito com o desenvolvimento da historiografia. Para efeitos deste trabalho, o foco será a literatura mais recente possível, principalmente os livros “The Fall of Carthage”, de Adrian Goldsworthy, e SPQR: a history of ancient Rome, de Mary Beard.

Quanto aos assuntos relacionados às artes militares, foi dada preferência às fontes brasileiras de doutrina, principalmente aos manuais de operações do Exército Brasileiro e das Forças Armadas do Brasil em Geral, além de documentos como a Doutrina Militar de Defesa. Com a doutrina desses manuais, foi possível analisar as batalhas e interpretá-las, de forma a atingir o resultado desejado.

2.1.1 Princípios de guerra

De acordo com o Manual de Campanha C 100-5 (BRASIL, 1997, p.4-1), que versa sobre operações, “Princípios de Guerra são normas básicas de procedimento, consagradas pela experiência, que visam ao sucesso na condução da guerra”. Não consistem em fórmulas rígidas de como obter sucesso em batalha, mas são as bases a partir das quais os comandantes de forças militares devem conceber suas operações. Como nunca é possível guerrear em uma situação ideal em que seja possível seguir todos os princípios, os chefes militares devem escolher, dependendo dos fatores da decisão, quais serão aqueles que serão priorizados, em detrimento dos outros.

A interpretação de cada país sobre quais são os princípios de guerra pode variar dependendo da doutrina nacional. Segundo a Doutrina Militar de Defesa (BRASIL, 2007), documento do Ministério da Defesa do Brasil, existem doze princípios a serem seguidos: Objetivo, Ofensiva, Simplicidade, Surpresa, Segurança, Economia de Meios, Massa, Manobra, Moral, Exploração, Prontidão e Unidade de Comando.

2.1.2 Batalha

Segundo o Manual de Campanha EB70-MC-10.223- Operações (BRASIL, 2017, p. 2-4), “a batalha consiste numa série de combates relacionados entre si e próximos no tempo e no espaço”. Na antiguidade, diferentemente dos tempos atuais, as batalhas resumiam-se em terrestres ou navais. Para melhor entendimento deste trabalho, é necessário saber como funcionavam as guerras na antiguidade.

As campanhas da Segunda Guerra Púnica se desenrolaram no modelo helenístico de guerra, no qual as batalhas campais eram o elemento mais importante. Isso porque uma vitória convincente era o melhor modo de fazer um Estado rival desistir da guerra e assinar um tratado de paz. Porém, como uma derrota teria o efeito oposto, e as baixas difíceis de repôr, os comandantes costumavam ser cautelosos. (GOLDSWORTHY, 2001)

Pela falta de meios de comunicação e pela dificuldade em conseguir informações de inteligência na época, em geral os exércitos rivais não sabiam da localização um do outro até estarem próximos. Uma vez cientes da presença inimiga, os exércitos avançavam cautelosamente e estabeleciam acampamentos em terreno alto, a poucos quilômetros de distância. Escaramuças entre tropas leves e cavalaria eram comuns e os exércitos poderiam ficar nos acampamentos por dias ou até semanas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os comandantes costumavam colocar suas tropas para fora do acampamento em formação de batalha, para testar o inimigo. Porém, para que houvesse um confronto, era necessário que os dois lados estivessem dispostos a travá-lo, pois se um dos lados recusasse, dificilmente o outro atacaria seu acampamento, por este estar em terreno alto, desfavorável a um atacante. Por vezes, os exércitos simplesmente abandonavam o acampamento e iam embora na direção oposta ao adversário. Quando apenas um dos lados avançava, seu comandante elevava a moral dos soldados, dizendo que o inimigo os temia. (GOLDSWORTHY, 2001)

Quando as batalhas realmente aconteciam, as linhas de homens, que comumente tinham mais de um quilômetro, marchavam uma na direção da outra. Havia trocas de projéteis das armas de arremesso da época, porém sem que as baixas causadas por elas fossem significativas. Antes de entrarem em contato, os combatentes tentavam intimidar o inimigo com gritos de guerra, cornetas, ou com sua própria aparência. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após esses rituais, as linhas dos contendores entravam em contato. Apenas os homens na frente da formação realmente lutavam, enquanto os outros impulsionavam ou incentivavam os companheiros. Havia poucas mortes durante a luta, pois a maior parte dos ferimentos eram golpes nos braços ou pernas, desferidos por espadas, lanças, machados, foices, entre outros. As peças de proteção mais importantes eram os escudos, capacetes, armaduras e grevas. (KEEGAN, 1993)

O combate era extenuante e após alguns minutos as linhas se separavam para retomar o fôlego. A luta recomeçava assim que um dos lados reunisse forças para atacar o outro novamente. As batalhas duravam algumas horas e a moral era fator determinante no resultado. O lado que vencia era aquele que conseguia colocar o inimigo em fuga. Para evitar isso, a coesão das unidades era muito importante, pois uma vez rompida a linha, os homens tendiam a entrar em pânico e fugir. (KEEGAN, 1993)

Uma vez que um dos lados iniciava sua fuga desordenada, a matança tinha início. O lado vencedor perseguia os derrotados, golpeando-os pelas costas. Esse era o momento em que a maior parte das baixas usualmente ocorria. Os fugitivos buscavam se reagrupar no acampamento, onde conseguiam se reorganizar ligeiramente para retrair para outra área, ou por vezes eram capturados pelo vencedor, quando este conseguia tomar o acampamento inimigo. (GOLDSWORTHY, 2001)

2.1.3 Levantamento Geográfico de Área

O Levantamento Geográfico de Área, de acordo com a cadeira de Geopolítica da AMAN, é um método que permite avaliar o poder de uma determinada região, por meio de indicadores conjunturais relativos aos aspectos fisiográfico, psicossocial, político, econômico, militar e científico-tecnológico. Por meio desse método, é possível analisar uma área que pode ser uma cidade, um país ou até um continente inteiro. É uma ferramenta útil para deduzir o quão forte um país é em determinado aspecto. O LGA será utilizado para analisar as civilizações de Roma e de Cartago, para que haja uma maior compreensão sobre a história, a cultura, a política, a economia, os métodos de combate, além de outras características importantes dessas cidades.

2.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS

2.2.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para colher as informações relativas às batalhas. As informações foram colhidas preferencialmente de fontes recentes, relativas a historiadores renomados e, sempre que possível, especializados na área.

2.2.2 Métodos

Em um primeiro momento, foram coletados os dados referentes às batalhas a serem estudadas. Os principais dados são os antecedentes, o número de combatentes, as manobras realizadas, o número de baixas e os resultados referentes às intenções dos comandantes.

Após a coleta dos dados, as formações utilizadas pelas tropas e os movimentos realizados por elas foram analisados à luz dos princípios modernos de guerra. Foram definidos quais foram os princípios priorizados e quais foram negligenciados. Análises já realizadas por historiadores militares foram incluídas, de forma a aprofundar o trabalho.

De acordo com o resultado das batalhas, com os princípios seguidos e negligenciados em conjunto com a distribuição dos resultados dos combates ao longo da guerra, haverá a conclusão sobre se a melhora gradual dos romanos quanto à adoção dos princípios de guerra foi um fator que contribuiu para a vitória na Segunda Guerra Púnica.

3 PRINCÍPIOS DE GUERRA

3.1 OBJETIVO

Diz respeito ao estabelecimento de objetivos claramente definidos e atingíveis, a fim de se obterem os efeitos desejados. Uma vez fixado o objetivo, deve-se nele perseverar, sem permitir que as circunstâncias da guerra façam perdê-lo de vista. (BRASIL, 2014, p. 5-3)

Os referidos efeitos devem ser bem definidos, para que não haja desperdício de recursos em ações que não trarão avanço em direção ao cumprimento da missão. Uma tropa que possui um objetivo claro leva vantagem sobre outra que não o tem, porque suas ações são melhores direcionadas. Mesmo que a tropa sem objetivo claro tenha sucesso em suas ações, estas podem não trazer os efeitos desejados inicialmente. (BRASIL, 2007)

Um exemplo histórico do que a falta de um objetivo definido pode causar a um exército é a atuação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Os territórios ocupados a muito custo pelas tropas americanas eram por vezes abandonados e reocupados pelos Vietcongues, e os ataques a trilhas e rotas de suprimento não tinham o êxito esperado. Por não terem metas ofensivas claras, os americanos permitiram que a guerrilha do Vietnã do Norte se fortalecesse, o que ocasionou a vitória dos comunistas. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.2 OFENSIVA

Caracteriza-se por levar a ação bélica ao inimigo, de forma a se obter e manter a iniciativa das ações, estabelecer o ritmo das operações, determinar o curso do combate e, assim, impor sua vontade. (BRASIL, 2014, p. 5-3)

Para que seja possível obter os resultados desejados é preciso encontrar uma maneira de fazer com que o inimigo responda às ações da tropa considerada. Dessa maneira, é possível ter uma liberdade maior nas operações, já que o adversário estará sempre tendo que responder às ameaças criadas, sem tempo para realizar um contra-ataque. Por outro lado, quando as peculiaridades de dada situação forcingem um comandante a adotar uma postura defensiva, este deve se esforçar ao máximo para retomar uma postura ofensiva assim que puder. (BRASIL, 2007)

Quando Aníbal resolveu invadir a Itália durante a Segunda Guerra Púnica, utilizou o princípio da ofensiva, pois forçou os romanos a responderem às suas ameaças em vez de enviarem expedições à África e à Península Ibérica, como já haviam planejado

(GOLDSWORTHY, 2001). Roma precisou enviar numerosos exércitos para enfrentar Aníbal, em uma postura defensiva, o que impediu a execução de planos em outros teatros de operações. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.3 SIMPLICIDADE

Preconiza a preparação e a execução de ordens e planos com concepções claras e facilmente inteligíveis, a fim de reduzir a possibilidade eventual de equívocos na sua compreensão, sem prejuízo da precisão e da flexibilidade necessárias. (BRASIL, 2014, p 5-3)

Um plano simples e claro diminui a possibilidade de interpretações incorretas por parte dos executantes subordinados, reduzindo portanto a ocorrência de enganos. Além disso, facilita eventuais correções necessárias devido à evolução das manobras. (BRASIL, 2007)

Na Segunda Guerra Mundial, os alemães utilizaram um plano simples para invadir a França, em 1940. Dividiram suas forças em três grupos de exércitos. Um deles engajou a linha Maginot para fixar os defensores, outro atraiu os exércitos ingleses e franceses para a região dos Países Baixos, e o terceiro contornou essas tropas para isolá-las do restante do país. O resultado foi o cerco das tropas dos Aliados, e sua posterior retirada pelo porto de Dunquerque. Com isso, Hitler ocupou o restante da França, que se rendeu. Embora a execução tenha sido complexa, o plano partiu de um princípio simples e claro: isolar a maior parte do inimigo para derrotá-lo. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.4 SURPRESA

Consiste no emprego de força onde o oponente, em um contexto de tempo e espaço, não esteja preparado ou só percebe a situação quando já não pode apresentar uma reação eficiente. (BRASIL, 2014, p. 5-3)

O comandante deve buscar realizar ações que não foram previstas pelo inimigo, através da originalidade, audácia, velocidade, sigilo, entre outros. Uma operação desencadeada contra um adversário surpreendido pode compensar outros fatores desfavoráveis, como o terreno e as condições climáticas. (BRASIL, 2007)

Ainda sobre a invasão da França em 1940, o grupo de exércitos incumbido de cercar os exércitos Aliados conseguiu cumprir sua missão pois deslocou-se pela Floresta das Ardenas. Tal terreno tinha poucas tropas francesas e inglesas, pois era considerado intransponível para um grande contingente e para tropas blindadas. Os alemães conseguiram

surpreender seus inimigos, os quais não perceberam o ocorrido até o momento em que não havia mais reação possível. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.5 SEGURANÇA

Consiste nas medidas essenciais à liberdade de ação e à preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da F Ter, tendo por finalidades: negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento; impedir que ele interfira de modo decisivo em nossas operações; e restringir-lhe a liberdade de ação nos ataques a pontos sensíveis de nosso território ou de nossas forças. (BRASIL, 2014, p. 5-3)

O conceito do princípio segurança não deve ser utilizado de um modo puramente defensivo, pois seu uso exagerado compromete as operações. Para uma utilização correta, deve-se conhecer as possibilidades do inimigo, para que seja possível proteger elementos vitais para uma tropa, como fontes de suprimento, linhas de comunicação, entre outros. Também é interessante que haja uma mentalidade de contra-inteligência, para que o adversário não consiga utilizar a surpresa a seu favor. (BRASIL, 2007)

Na batalha do Lago Trasimeno, o comandante romano negligenciou a segurança ao marchar por uma estrada sem ter enviado batedores à frente ou aos lados da via. Essa falta de cuidado permitiu que todo o seu exército caísse em uma emboscada montada por Aníbal, que resultou na destruição da tropa romana. Caso o general romano tivesse utilizado os batedores, ou conseguisse alguma informação sobre o paradeiro de Aníbal com habitantes locais, teria maiores chances de identificar o perigo e escolher uma estrada mais adequada. (GOLDSWORTHY, 2001)

3.6 ECONOMIA DE FORÇAS

Caracteriza pelo uso econômico das forças e pela distribuição e emprego judiciosos dos meios disponíveis para a obtenção do esforço máximo nos locais e ocasiões decisivos. (BRASIL, 2014, p. 5-4)

Este princípio diz que, nas ações consideradas secundárias, deve ser utilizado apenas o mínimo indispensável de força, para que seja possível concentrar o máximo de poder de combate nas ações decisivas. Com isso, pode-se obter o máximo de eficiência com o menor esforço possível. (BRASIL, 2007)

O Plano Schlieffen, concebido pela Alemanha para o caso de uma guerra com a França no início do século XX, é um bom exemplo do emprego da economia de forças. O plano

consistia em realizar ações secundárias para fixar os exércitos franceses na fronteira franco-alemã, enquanto a ação principal seria um flanqueamento através da Bélgica, que capturaria Paris e atacaria as forças na fronteira pela retaguarda. Este plano foi utilizado na Primeira Guerra Mundial, mas fracassou devido às alterações que sofreu pelo comandante da operação. Este deslocou tropas da ação principal para a secundária, por temor do ataque francês na Alsácia. Consequentemente, o ataque principal, com efetivo menor que o previsto no plano, perdeu força antes de conseguir completar o desbordamento. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.7 MASSA

Compreende a concentração de forças para obter a superioridade decisiva sobre o inimigo, com qualidade e eficácia, no momento e local mais favorável às ações que se têm em vista, com capacidade para sustentar esse esforço, enquanto necessário. (BRASIL, 2014, p. 5-4)

A base do princípio é que deve haver uma concentração de meios no local adequado para que seja possível obter uma superioridade sobre o inimigo. Preferencialmente, essa concentração deve ser feita em uma área do dispositivo inimigo que esteja fraca e sem possibilidade de ser reforçada. Se aplicado corretamente, o princípio da massa permite que forças numericamente inferiores consigam superioridade sobre contingentes maiores que não conseguem concentrar seus meios de forma adequada nos locais decisivos. (BRASIL, 2007)

Na Batalha de Austerlitz, em 1805, Napoleão Bonaparte venceu o exército russo ao empregar o princípio da massa. Posicionou a maior parte de seu exército no centro do dispositivo, planejando derrotar seu inimigo por partes. No momento crítico da batalha, ordenou um ataque de seu centro sobre a ala esquerda russa, já engajada com a ala direita francesa. Isso criou uma superioridade local, o que fez com que vencesse o combate nessa área. As demais partes do exército do Czar, vendo que seriam derrotadas uma a uma pelo grosso das tropas do imperador francês, abandonou o campo de batalha. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.8 MANOBRA

Princípio que se caracteriza pela capacidade de movimentar forças de forma eficaz e rápida de uma posição para outra, contribuindo para obter superioridade, aproveitar o êxito alcançado e preservar a liberdade de ação, bem como para reduzir as próprias vulnerabilidades. (BRASIL, 2007, p. 5-4)

A manobra tem como objetivo criar uma situação favorável para atingir um objetivo, através da movimentação de tropas. Para isso, os meios são posicionados de modo a colocar o inimigo em posição de desvantagem. Para que uma manobra tenha sucesso, o exército deve ter flexibilidade e mobilidade, além de um alto nível de adestramento e disciplina. Seguindo-se este princípio, é possível atingir os objetivos com custos menores em pessoal e material do que seria possível sem sua utilização. (BRASIL, 2007)

Na Batalha de Canas, Aníbal conseguiu cercar e destruir um exército romano ao atrair um ataque sobre o centro de sua formação, enquanto suas melhores tropas, posicionadas nos flancos, manobravam para envolver o inimigo que avançava. Completando, a cavalaria cartaginesa manobrou por trás dos romanos para fechar o cerco à retaguarda, obstruindo a última via de fuga dos legionários e selando o massacre. (MATYSZAK, 2004)

3.9 MORAL

Define o estado de ânimo ou atitude mental de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, que se reflete na conduta da tropa. Nem sempre força numericamente superior, bem dotada de armamento e adequados recursos logísticos, compensam a carência de moral e a descrença nos objetivos da guerra. (BRASIL, 2014, p. 5-4)

É essencial que a tropa empregada em uma operação ou campanha esteja com a moral elevada. A moral é resultado direto da qualidade da formação, e influencia na disciplina e no adestramento do exército. É resultado do estado de ânimo coletivo dos indivíduos que compõe a unidade, o que torna cumulativo o efeito causado por seu nível alto ou baixo. (BRASIL, 2007)

Na Guerra do Vietnã, os soldados americanos tiveram uma queda no nível da moral após os primeiros anos, devido à falta de progresso no conflito. Isso ocasionou problemas para o exército, pois os combatentes tornaram-se indisciplinados, perdendo ainda mais capacidade combativa. A moral da população também influenciou no conflito, pois muitos civis americanos não queriam a guerra. A opinião pública foi fator determinante na retirada americana e vitória comunista. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.10 EXPLORAÇÃO

Caracterizado pela intensificação das ações ofensivas para ampliar o êxito inicial, sempre que for obtido um sucesso estratégico ou tático, ou houver evolução favorável na situação. (BRASIL, 2014, p. 5-5)

A exploração pode ser entendida como a capacidade de aproveitar as oportunidades que surgem após os sucessos iniciais de uma operação. Essas oportunidades devem possibilitar o atingimento do objetivo de forma mais rápida. Por isso, é necessário um alto grau de controle sobre as tropas, a fim de que estas não se desviem do objetivo programado durante a exploração. (BRASIL, 2007)

Na Segunda Guerra Púnica, Aníbal conseguiu explorar seu sucesso em Canas ao, logo após a batalha, marchar para o Sul da Península Italiana e conseguir com que várias cidades desertassem para o lado de Cartago. Porém, há uma discussão sobre sua recusa em marchar diretamente para Roma, onde poderia forçar os romanos a um tratado de paz, o que teria sido um aproveitamento ainda maior de seu sucesso no campo de batalha. Mesmo que não conseguisse invadir a cidade, sua mera presença poderia aterrorizar a população a ponto de encerrar a guerra. Porém, por sua falta de ação, é impossível saber qual seria o resultado. (GOLDSWORTHY, 2001)

3.11 PRONTIDÃO

É definido como a capacidade de pronto atendimento da Força para fazer face às situações que podem ocorrer em ambiente de combate. A prontidão fundamenta-se na doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestruturas, fatores determinantes para a geração das capacidades requeridas a uma Força com prontidão operativa. (BRASIL, 2014, p. 5-5)

A prontidão de um exército infere que este esteja capacitado para entrar em operações assim que necessário, o que envolve o preparo da tropa mesmo que o emprego não esteja previsto. Este princípio pode ser dividido em prontidão de comando (estruturação do processo decisório, preparo, disciplina e instrução dos chefes militares), de inteligência (existência de redes de informação capazes de produzir conhecimentos necessários), de planejamento (existência de planos que preveem como as forças serão utilizadas, de operações (adestramento, disponibilidade de tropas capazes, reservas em condições), logística (capacidade de transportar e suprir as tropas) e de mobilização (capacidade de dispor dos recursos humanos e materiais do país).

Durante a Guerra Franco Prussiana, a Prússia mostrou estar muito mais preparada para uma guerra do que a França, por conseguir mobilizar-se rapidamente, ter bons oficiais em seus quadros, e um exército disciplinado. Os franceses sofreram para conseguir concentrar suas tropas para iniciar as operações, tinham um estado-maior despreparado, e oficiais e praças com instrução insuficiente. Tudo isso fez com que os prussianos atacassem antes que seu adversário estivesse sequer organizado, o que tornou a vitória muito mais rápida e fácil. (SAVIAN; LACERDA, 2015)

3.12 UNIDADE DE COMANDO

Caracterizada, primordialmente, pela atribuição da autoridade a uma só pessoa, ou seja, à pessoa do comandante. A aplicação decisiva do poder de combate exige unidade de comando e possibilita a unidade de esforços, pela coordenação de todas as forças e cooperação das agências, de forma integrada, no amplo espectro dos conflitos sobre um objetivo comum. (BRASIL, 2014, p. 5-5)

Para o sucesso de uma operação, é preciso que todos os meios sejam empregados com uma única finalidade, e não como se fossem partes independentes atuando isoladamente. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma mentalidade unificada em todos os níveis, além de uma cadeia de comando bem definida. (BRASIL, 2007)

Sempre que os dois cônsules romanos estavam presentes em um mesmo exército, havia um revezamento no comando, pois cada cônsul tinha o comando em um dia, passando-o ao seu par no dia seguinte. Isso possibilitava que houvesse discordâncias entre os comandantes. Na Batalha de Canas, por exemplo, no dia anterior, o comandante do exército romano recusou entrar em batalha com Aníbal, por não achar que as condições eram favoráveis. No dia seguinte, o comandante que assumiu pensava diferente, e entrou em combate com o general cartaginês, causando a maior derrota de um exército romano na história da república até então. (GOLDSWORTHY, 2001)

4 ROMA E CARTAGO

As informações apresentadas a seguir referem-se ao ano em que se iniciou a Segunda Guerra Púnica, 218 a.C..

4.1 FATORES FISIAGRÁFICOS

O território da República Romana, no ano de 218 a.C., compreendia quase a totalidade da Península Itálica, as planícies em torno do Rio Pó, e as ilhas da Sicília (com exceção do território de Siracusa, na parte leste), da Córsega e da Sardenha. Estas áreas estão localizadas no Sul da Europa. Ao norte dos domínios romanos havia diversas tribos de cultura celta, como os lígures e os vênetsos. A península é banhada pelos mares Adriático, a leste, Tirreno, a oeste, e Jônio, ao sul.

O clima da região é o mediterrâneo, com verões secos e quentes, e invernos frios e chuvosos. O relevo de cada região influi na rigorosidade do inverno. No século III a.C. o clima era estável, e raramente o inverno era extremamente frio. (LAMB, 1995)

O relevo de toda a península, com exceção da região do Pó, é bastante acidentado. Os Apeninos, uma formação montanhosa, cortam a região no sentido norte-sul, indo até a Sicília. Ao norte da península há os Alpes, uma grande cadeia de montanhas. A Córsega e a Sardenha também tem relevo montanhoso. Há atividade vulcânica, principalmente dos montes Etna, na Sicília, e Vesúvio, próximo a Nápoles. As planícies existentes se encontram ao norte (Rio Pó), com pequenas áreas planas espalhadas nas regiões mais ao sul. (KNIGHTS et al., 2019)

A hidrografia é composta de rios curtos. O mais longo deles é o Pó, com cerca de 650 km. Os rios do sul ficam mais cheios no inverno, devido às chuvas. Os do norte se enchem no verão, devido ao derretimento das geleiras dos Alpes. O solo, mesmo nas regiões acidentadas que compõe a maior parte da Itália, é bastante fértil, o que facilita o cultivo. (KNIGHTS et al., 2019)

A vegetação é a mediterrânea, uma vegetação densa, com grande presença de arbustos perenifólios e pequenas árvores, de até 2,5 metros de altura. O litoral é recortado e variado, com áreas rochosas e outras arenosas. (ENCYCLOPAEDIA, 2017)

O território de Cartago incluía uma extensa faixa no litoral norte-africano, com colônias espalhadas desde a Líbia até o que hoje é a Argélia. Também controlavam a maior parte da Península Ibérica, tendo como limite norte o rio Ebro, além das Ilhas Baleares. Todas

essas áreas são banhadas pelo Mar Mediterrâneo. Na África, tinham fronteiras com algumas tribos e reinos berberes, como os Númidas.

Figura 1- Território Romano em 218 a.C.



Fonte: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2017)

O clima da parte africana também é o mediterrâneo, com características parecidas com as da Península Itálica, mas com condições menos estáveis e previsíveis. Quanto mais ao sul, porém, mais árido se torna, além das temperaturas serem mais elevadas. (MURPHY et al., 2019) Na Península Ibérica o clima é mais complexo, pois há a mistura de elementos relacionados à umidade (áreas úmidas, semiáridas e áridas) com elementos relacionados à continentalidade e relevo. Em cada local, esses fatores se misturam e criam subclimas únicos. As partes mais secas, entretanto, ficam mais próximas ao Mediterrâneo. (SHUBERT et al., 2019)

O relevo na África contém cadeias de montanhas que acompanham a costa na parte norte, até o Golfo de Túnis. Ao sul dessas montanhas há uma região composta de colinas, que se estende para o sul até uma região de depressões. A região mais próxima ao litoral no leste é uma grande planície. No extremo sul inicia-se o Deserto do Saara. (MURPHY et al., 2019)

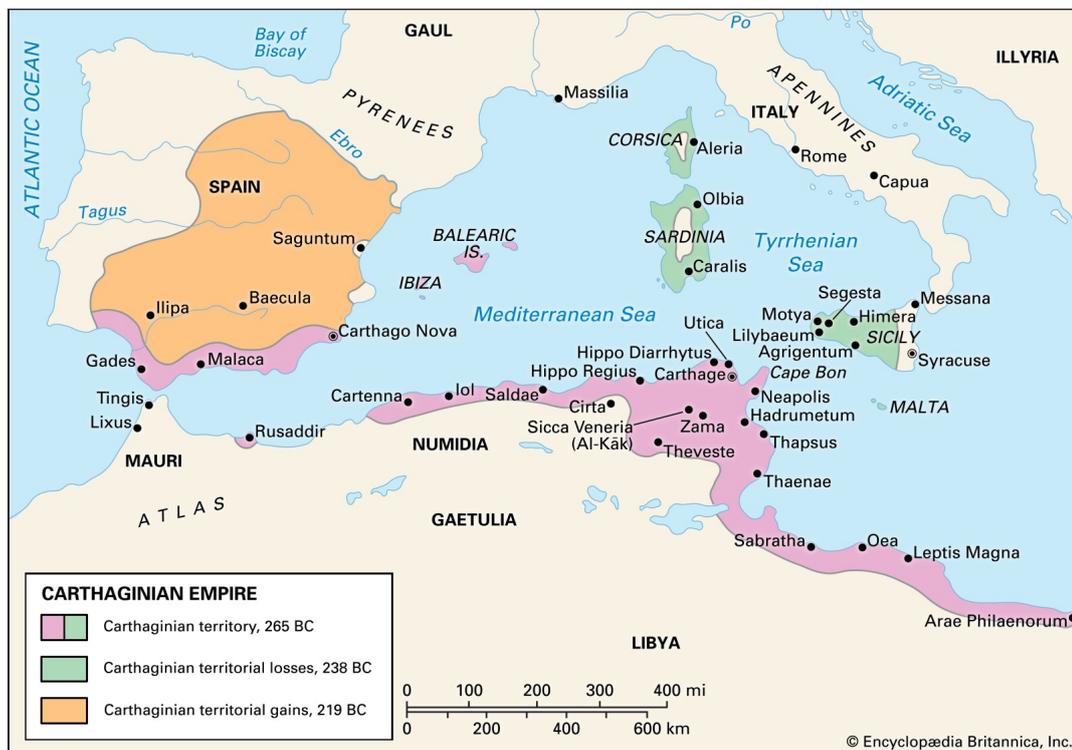
A península Ibérica é na sua maior parte um grande planalto, com algumas partes montanhosas ao centro (Sistemas Central e Ibérico), ao norte (Pirineus) e ao sul (Sistema Penibético, que corre paralelo a costa e se une ao Sistema Ibérico). Há duas depressões principais, a do rio Ebro e a do rio Guadalquivir. A região da costa do Mediterrâneo é composta por planícies. (SHUBERT et al., 2019)

O único rio perene no território cartaginês na África é o rio Majardah, que deságua no golfo de Túnis. (MURPHY et al., 2019) Na Península Ibérica, existe uma grande quantidade de rios, porém de baixo volume, com exceção dos maiores. Os rios principais são o Ebro, o Tejo e o Douro. Os solos na África são férteis nas regiões úmidas do extremo norte, sendo rochoso ou arenoso nas demais. Na Península Ibérica, os solos tendem a ser mais pobres. (SHUBERT et al., 2019)

A vegetação na África varia de pequenos bosques ao norte a vegetações típicas de estepes mais ao sul. Na Espanha, a maior parte da vegetação é mediterrânea, com bosques densos nas partes mais centrais. (SHUBERT et al., 2019) (MURPHY et al., 2019)

A partir da análise dos fatores fisiográficos, pode-se concluir que nenhum dos contendores tinha vantagem significativa a partir desse aspecto. Ambos tinham acesso ao mar, eram localizados em regiões férteis e que ficavam no centro do mundo então conhecido.

Figura 2- Território Cartaginês em 218 a.C.



Fonte: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2014)

4.2 FATORES PSICOSSOCIAIS

A história de ambas os contendores da Segunda Guerra Púnica é nebulosa até o século III a.C. e muitas vezes os mitos e lendas se confundem com os acontecimentos reais. Isso torna complexa a tarefa de conseguir traçar uma linha do tempo com os fatos da época. (BEARD, 2015)

De acordo com a tradição, Roma foi fundada em 753 a.C. por Rômulo, um descendente do rei de uma cidade próxima, Alba Longa. Ele e seu irmão gêmeo, Remo, foram abandonados no rio Tibre ainda bebês para não conseguirem reivindicar o trono de seu avô, rei de Alba Longa, e que havia sido deposto. Os gêmeos não apenas sobreviveram, como foram resgatados por uma loba (ou prostituta, em outra versão) e criados por um pastor. Anos depois, recuperaram o trono para seu avô, o qual lhes permitiu fundar uma nova cidade em um local próximo como forma de gratidão. Durante a escolha do local de fundação, houve uma discussão, e Rômulo assassinou Remo. O primeiro então tornou-se o primeiro Rei de Roma. É provável que a cidade tenha na verdade surgido de vários assentamentos na região, ou como um acampamento militar. De qualquer forma, a boa localização da cidade contribuiu para seu sucesso. (BEARD, 2015)

A monarquia durou até, provavelmente, 509 a.C., quando o último rei, Tarquínio, o Soberbo, foi deposto. Foi instalada uma república, comandada por dois cônsules, eleitos anualmente por votação. Nos anos seguintes, através de pequenos conflitos e alianças posteriores com as cidades italianas ao seu redor, o poder e o território de Roma foram crescendo cada vez mais. Em 390 a.C., Roma foi saqueada por tribos gaulesas, mas houve poucos danos permanentes. (GOLDSWORTHY, 2001)

Nos anos posteriores ao saque, a escala e a quantidade de conflitos dos romanos aumentou consideravelmente. As principais guerras travadas foram contra os latinos, contrariados pela opressão romana (ganharam a cidadania romana ao final da guerra), e com os Samnitas, que foram derrotados na batalha de Sentino, em 295 a.C., o que resultou no controle romano em mais da metade da Península Itálica. (BEARD, 2015)

Poucos anos depois, Roma dominou o restante da península ao capturar as colônias gregas do sul. Estas pediram ao rei Pirro, do Épiro, auxílio defensivo. Apesar de ter vencido duas batalhas, as tropas de Pirro sofreram tantas baixas que não puderam prosseguir no conflito. Em 264 a.C., teve início a Primeira Guerra Púnica, contra Cartago. Consistindo quase que apenas batalhas navais, terminou com a anexação da Sicília pelos romanos. A ilha foi tornada a primeira província romana. (BEARD, 2015)

Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Púnica, Roma continuou sua expansão para o norte, e fez alianças com colônias na Península Ibérica e na Ilíria, vindo a intervir em alguns conflitos. (GOLDSWORTHY, 2001)

A diversidade étnica nos territórios romanos era muito grande. Havia colônias de cidadãos romanos espalhadas por todo o território recentemente ocupado. No sul havia gregos, no norte havia etruscos e gauleses. No centro havia diversas culturas itálicas, entre latinos, samnitas, sabinos, etc. A religião era politeísta antropomórfica e tinha caráter familiar, não havia livro sagrado, mas os rituais eram muito importantes, havendo responsabilidades do Estado quanto à condução de alguns deles. (BEARD, 2015)

A sociedade romana era patriarcal, com o chefe de família sendo a figura central em todos os aspectos. Os cidadãos eram divididos entre patrícios (aristocratas) e plebeus (povo em geral), embora em 218 a.C. poucas diferenças práticas havia em relação a privilégios. Havia também os escravos, geralmente prisioneiros de guerras anteriores que eram obrigados a trabalhar, podendo conquistar sua liberdade posteriormente. (BEARD, 2015)

A população sob controle da República Romana era de entre 3 e 3.5 milhões de habitantes. Os idiomas falados variavam de acordo com a região. Os principais eram o latim, idioma oficial de Roma, e o grego, muito difundido no sul. (BEARD, 2015)

A mortalidade infantil era muito alta devido ao pouco conhecimento médico. Porém, após a infância, a expectativa de vida não era muito diferente dos tempos atuais. Não havia tão poucos idosos quanto se pensa. (BEARD, 2015)

Cartago foi fundada como entreposto comercial pelos fenícios, civilização localizada no Levante (atual Líbano) por volta do século VIII a.C.. Diz a lenda que Dido, irmã do rei Pigmaleão, fugiu de sua terra natal após este mandar assassinar seu esposo. Aportando na África, foi dada a permissão pelos líbios, povo local, de ocupar tantas terras quanto um pedaço de couro de boi podia cobrir. Ao cortar o couro em tiras finíssimas, conseguiu muito mais terra do que o previsto pelos habitantes locais, conseguindo espaço suficiente para fundar uma cidade. Posteriormente, Dido se suicidou para evitar se casar com um rei líbio, preservando a liberdade de seu povo. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após alguns anos, a cidade, sendo bem localizada para o comércio, cresceu em poder e começou a fundar colônias próprias ao longo da costa do Mediterrâneo Ocidental, principalmente no litoral africano e do sul da Península Ibérica. No século VI a.C., os cartagineses entraram em uma rivalidade com os gregos pelo controle das colônias. Os gregos buscavam territórios que pudessem sustentar sua população crescente, enquanto Cartago buscava fundar entrepostos comerciais. O principal foco de disputa foi a ilha da Sicília.

Os gregos tinham uma vantagem nessa competição, pois havia uma população muito maior em suas colônias. Porém, como eram politicamente divididos, os cartagineses equilibravam a disputa. Além do controle do território, diferenças religiosas contribuíam para acirrar os ânimos. (GOLDSWORTHY, 2001)

A balança de poder na Sicília era modificada de tempos em tempos, de acordo com os resultados das batalhas. No século V a.C., os gregos conseguiram grandes vitórias em Himera e Plataea. No século III a.C., a cidade grega de Siracusa dominou quase toda a ilha, e chegou a desembarcar um exército na África, sem conseguir invadir Cartago, entretanto. (GOLDSWORTHY, 2001) Pouco tempo depois, romanos e cartagineses cooperaram para expulsar Pirro do Épiro e sua expedição do território siciliano. Pouco tempo depois, Cartago dominava quase a totalidade da Sicília. (MATYSZAK, 2004)

O primeiro conflito com Roma fez com que todas as posses na ilha fossem perdidas. Sem dinheiro para pagar os mercenários que lutaram de seu lado, os cartagineses tiveram que lutar contra eles após o fim da Primeira Guerra Púnica. Durante o novo conflito, Roma ocupou também a Sardenha, desrespeitando o acordo de paz ao aproveitar-se da fraqueza cartaginesa. (MATYSZAK, 2004)

Nos anos anteriores à Segunda Guerra Púnica, Cartago investiu na conquista da maior parte da Península Ibérica. Essa conquista possibilitou o acesso a uma grande quantidade de recursos, tanto em pessoal quanto em material, o que ajudou o preparo para o novo conflito que se avizinhava. (MATYSZAK, 2004)

As principais etnias presentes nos territórios cartagineses eram fenícios, líbio fenícios (esses eram privilegiados em relação às demais) numídeos e líbios na África; iberos, lusitanos e celtiberos na Península Ibérica. A religião politeísta tinha origem nos antigos fenícios e, portanto, semita. Era controlada de perto pelos magistrados da cidade. Os principais deuses eram Baal e Tanit. Eram comuns os sacrifícios humanos em rituais. (MATYSZAK, 2004)

A sociedade cartaginesa era dominada pela aristocracia comercial, que ocupava as principais posições políticas e religiosas. Era baseada na riqueza, e não na propriedade de terras. A população em geral tinha as mais diversas ocupações, de artesãos e ferreiros até marinheiros. Havia também os escravos, possessões dos mais ricos em geral. As mulheres tinham pouca importância na sociedade. (CARTWRIGHT, 2016)

A população era de cerca de 4 milhões de habitantes. O idioma falado em Cartago era o púnico, derivado do idioma fenício. As outras regiões tinham cada uma seu dialeto próprio, como os líbios e os iberos. (HOYOS, 2015)

É possível concluir a partir dos fatores psicossociais que a história das duas civilizações correu quase que em paralelo, com ambas ganhando cada vez mais poder até que entrassem em rota de colisão, devido ao conflito por áreas de influência. As diferenças quanto aos cultos religiosos e estratificação da sociedade contribuiu para acirrar a rivalidade entre Roma e Cartago.

4.3 FATORES POLÍTICOS

O regime de governo romano era a República. Nesse sistema, as assembleias de cidadãos votavam para eleger seus governantes, conhecidos como Magistrados. Os cargos das magistraturas variavam em função e poder. Os mais importantes eram os cargos de cônsul (chefes do executivo, eleitos anualmente, sendo sempre dois cônsules; comandavam os exércitos), pretor (encarregado da Justiça, também podia comandar tropas), edil (administração municipal), questor (administração financeira) e censor (realizar o censo da população, incluir e excluir membros do Senado. Em tempos de crise, o poder dos dois cônsules era concentrado na figura de um ditador, com mandato de seis meses (GOLDSWORTHY, 2001)

O Senado, composto por cerca de 300 homens, era o órgão consultivo de Roma. Tinha caráter permanente, e seus membros eram escolhidos pelo critério de riqueza, entre os pertencentes às 18 centúrias equestres. Tinha pouco poder formal, mas seus conselhos eram seguidos pelos magistrados devido ao seu prestígio. (GOLDSWORTHY, 2001)

Havia três assembleias, que votavam as leis e elegiam os magistrados. O Consilium Plebis, atendido apenas por plebeus, elegia os tribunos da plebe (magistrado que vetava leis abusivas contra os plebeus) e votava para passar leis. A Comitia Tributa, que tinha patrícios e plebeus, elegia os ediles e os questores, além de votar para passar leis. Essas duas assembleias eram baseadas nas tribos de Roma (forma de divisão da população). (BEARD, 2015)

A Comitia Centuriata era a assembleia mais importante. Os cidadãos eram divididos em 193 centúrias, de acordo com suas posses. Cada centúria tinha direito a um voto. Como as centúrias dos mais ricos eram menores, os votos dos aristocratas tinham peso muito maior, o que contribuía para seu domínio político. A Comitia Centuriata elegia os cônsules, pretores e censores, declarava a guerra, ratificava a paz, e passava algumas leis. (BEARD, 2015)

Apenas aqueles com a cidadania romana exerciam o poder político (mulheres não tinham participação política). Porém, diferentemente das outras civilizações da época, Roma era muito mais aberta ao aceitar novos cidadãos. Algumas partes da Itália ganharam a

cidadania logo após sua conquista. Outras foram presenteadas com a cidadania latina, que tinha quase tantos direitos quanto a romana, exceto o direito a voto. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os territórios conquistados na Península Itálica não eram governados de maneira opressora, e as cidades tinham autonomia interna. Apenas perdiam sua autonomia política, e deviam enviar soldados para lutar por Roma quando necessário. Como podiam ter uma parte dos espólios dos derrotados, além dos benefícios de ser aliado (*socii*) dos romanos, os povos da península eram em geral leais aos romanos. (GOLDSWORTHY, 2001)

O sistema político cartaginês também era uma república, e em muitos aspectos era similar ao dos romanos. Os magistrados eram eleitos anualmente, com dois deles sendo os responsáveis pelo executivo. Em Cartago, eles eram conhecidos como sufetes. (GOLDSWORTHY, 2001)

O órgão consultivo de Cartago era o Conselho dos Anciões. Seus membros eram todos aristocratas, em número de 28. Havia também outro órgão, o Conselho dos Cento e Quatro, e juntos estes tomavam as decisões para Cartago. Somente quando havia discordâncias, a assembleia popular era convocada para discutir e votar. (DOCTER, 2015)

Embora não haja muita informação a respeito, fica claro que as magistraturas eram monopolizadas por um pequeno número de famílias, que se alternavam no poder. Diferentes grupos de interesses entravam em conflito sobre os caminhos que a cidade deveria seguir. (GOLDSWORTHY, 2001)

Ao contrário dos romanos, os cartagineses eram relutantes em estender os direitos políticos aos povos conquistados. Por isso, os benefícios da prosperidade cartaginesa foram colhidos principalmente pela elite de origem fenícia e líbio-fenícia. Os povos conquistados por Cartago gozavam de pouca autonomia, e eram claramente subordinados a ela. Outros povos aliados, como os númidas, tinham mais autonomia, mas pouco se beneficiavam com a relação com Cartago, além de terem que enviar tropas para lutar quando necessário. (GOLDSWORTHY, 2001)

É possível inferir que Roma levava vantagem quanto aos aspectos políticos, porque sua estrutura de governo era quase toda que voltada para a guerra, com os magistrados acumulando funções militares, enquanto que em Cartago os generais não eram os eleitos pelo povo (GOLDSWORTHY, 2001). Isso mostra que a civilização romana encarava a guerra de forma natural, com o conflito contra inimigos externos sendo corriqueiro e quase desejado.

A forma amigável com que Roma tratava os povos sob seu domínio também era mais eficiente, pois premiava a lealdade e evitava abusos, enquanto Cartago exercia um domínio mais rígido para com os povos de culturas diferentes, o que facilitava revoltas e traições.

4.4 FATORES ECONÔMICOS

A principal atividade econômica de Roma era a agricultura. Ela era praticada tanto pelos grandes proprietários de terras quanto por pequenas propriedades familiares (principalmente subsistência). Os mais ricos usavam plebeus para trabalhar em suas terras, conhecidos como clientes, além de escravos. Alguns deles praticavam também a pecuária. Caso algum plebeu conseguisse enriquecer, nada o impedia de se tornar um grande proprietário. (FUNARI, 2001)

Após completar a união da Península itálica, Roma passou a ser o centro comercial da região, mas ainda muito menos próspero que Cartago. A indústria e o comércio não se desenvolveriam na totalidade até o fim das Guerras Púnicas. As atividades industriais incluíam produção de roupas e cerâmica. (FUNARI, 2001)

Cabe ressaltar a importância da rede de estradas romana. Com propósito civil e militar, a grande qualidade das estradas contribuiu para o rápido deslocamento de tropas e para a ligação entre as cidades da República. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018)

A principal atividade econômica de Cartago era o comércio, da mesma forma que os fenícios que lhe deram origem. Havia entrepostos comerciais cartagineses em boa parte do litoral do Mediterrâneo ocidental, desde a Península Ibérica até a Líbia. A partir dessas bases, saíam os navios que eram vistos por todo o Mar Mediterrâneo. (GOLDSWORTHY, 2001)

Quase de mesma importância, a agricultura era outra atividade econômica fundamental. As terras no norte da África eram muito mais férteis no século III a.C. do que são hoje, o que era propício para a produção agrícola. Após a conquista pelos romanos, essa região foi uma das principais produtoras de cereais para o Império Romano. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após a derrota na Primeira Guerra Púnica, a expansão para a Península Ibérica possibilitou aos cartagineses o acesso às ricas minas de prata da atual Espanha. Essas riquezas ajudaram a financiar o esforço de guerra de Aníbal na invasão da Itália. (GOLDSWORTHY, 2001)

Baseado nos aspectos econômicos, observa-se que tanto Roma quanto Cartago eram potências da época, dispondo de valiosos recursos que podiam ser usados contra o inimigo. As

bases econômicas das duas nações eram diferentes (agricultura em Roma, comércio, agricultura e extrativismo mineral em Cartago) e se tornaram alvos no decorrer da guerra, com o adversário buscando aumentar a pressão sobre o outro ao capturar importantes fontes de dinheiro.

4.5 SISTEMAS MILITARES

A base do sistema militar romano era a infantaria pesada, composta de cidadãos como posses suficientes para conseguir comprar o próprio equipamento. Todos os anos, uma quantidade determinada de homens era convocada para compôr as legiões (unidade do exército romano). Em tempos de maior necessidade, Roma podia convocar mais cidadãos. Cada legião tinha o efetivo aproximado de quatro mil homens. A cada ano eram recrutadas quatro legiões, sendo cada cônsul o comandante de duas delas. (GOLDSWORTHY, 2001)

No século III a.C., os exércitos romanos eram padronizadamente compostos por cinco elementos. Três deles compunham a infantaria pesada, parte mais importante do exército. Havia um elemento de infantaria leve e outro de cavalaria. Os elementos de infantaria eram divididos de acordo com a idade e com a experiência dos soldados. (GOLDSWORTHY, 2001)

A primeira linha da infantaria era composta pelos hastários, que eram os mais jovens dentre a infantaria pesada. Na segunda linha havia os príncipes, mais experientes. Na terceira ficavam os soldados mais veteranos, os triários. Cada uma das linhas era dividida em 10 manípulos. Os manípulos de hastários e príncipes tinham de 120 a 160 homens, e os de triários tinham 60. Os manípulos eram divididos em duas centúrias, comandadas cada uma por um centurião. Ao todo, a infantaria pesada tinha 3000 legionários. (TAYLOR, 2017)

O equipamento desses três elementos era parecido. Todos usava um escudo oval semicilíndrico, o *scutum*, feito de madeira flexível e resistente. As bordas do escudo eram revestidas de latão, para não ser danificado por golpes de espada. O peso do escudo era de 10 kg. Os outros equipamentos de proteção eram o capacete, feito de bronze, grevas (proteção para as pernas) de bronze, e armadura. A armadura variava de acordo com a riqueza do dono, com os mais pobres utilizando apenas um peitoral circular de bronze, enquanto os mais ricos usavam uma malha de anéis de ferro interligados, que cobriam todo o tronco. Os capacetes eram decorados com penas, para intimidar os adversários ao fazer os legionários parecerem mais altos. (GOLDSWORTHY, 2001)

O equipamento de ataque dos hastários e príncipes era uma espada curta, conhecida como gládio. De origem espanhola, foi adotada durante ou após a Primeira Guerra Púnica,

quando os romanos verificaram sua efetividade. O gládio era muito efetivo tanto para cortar quanto para perfurar, e se sobressaía nos combates aproximados em grupo. Os soldados das duas primeiras linhas também carregavam o *pilum*, um pesado dardo de arremesso. O *pilum* era feito de madeira, com uma longa haste de metal, que concentrava toda a força do arremesso, podendo atravessar o escudo e a armadura do inimigo. Mesmo quando não causava ferimentos, a haste de metal se dobrava ao perfurar o escudo, sendo difícil de retirar, muitas vezes forçando o inimigo a abandonar seu escudo. Os triários não usavam o gládio, e sim uma lança, preservando a tradição dos primeiros exércitos romanos, que lutavam em uma formação de falange hoplita. (GOLDSWORTHY, 2001)

A infantaria leve era composta pelos vélites, muito jovens ou pobres para compôr a infantaria pesada. Lutavam sem armadura, com a maioria usando capacetes cobertos com pele de lobo. Tinham também um escudo circular, menor do que os utilizados pelos hastários, príncipes e triários. Para o ataque, sua arma principal eram os dardos de arremesso, levados em grande quantidade. Levavam também um gládio, para emergências. (GOLDSWORTHY, 2001)

A cavalaria era composta por 300 cavaleiros, divididos em 10 *turmae* de 30. Era recrutada da parte mais rica da população, e os cavaleiros tinham o direito de receber uma indenização do governo caso seus cavalos fossem mortos. Muitos dos soldados da cavalaria eram filhos de senadores, buscando completar os 10 anos de campanhas para estarem aptos a serem eleitos para as magistraturas. O equipamento utilizado era um escudo circular, capacete, armadura, além de uma lança ou espada (esta mais longa que o gládio). Usavam uma sela copiada provavelmente dos gauleses. A tática principal da cavalaria era a carga. Não tinham grande habilidade como batedores. (GOLDSWORTHY, 2001)

Quando em campanha, as tropas romanas eram acompanhadas por contingentes de aliados, conhecidos como *alae* (por geralmente estarem posicionados nas alas das legiões nas batalhas) com aproximadamente o mesmo número de homens que as legiões, mas com maior proporção de cavalaria. Como cada exército consular tinha duas legiões, possuíam também duas *alae*, totalizando um efetivo de aproximadamente 20 mil homens. (TAYLOR, 2017)

A quantidade de oficiais era grande, o que facilitava o controle do efetivo. A disciplina era bastante rígida, com os cidadãos perdendo a maior parte dos direitos que tinham com sua cidadania romana enquanto estavam em campanha. Os comandantes eram os magistrados eleitos, sem nenhum treinamento formal específico para o comando. Porém, todos eles tinham experiência no campo de batalha. (GOLDSWORTHY, 2001)

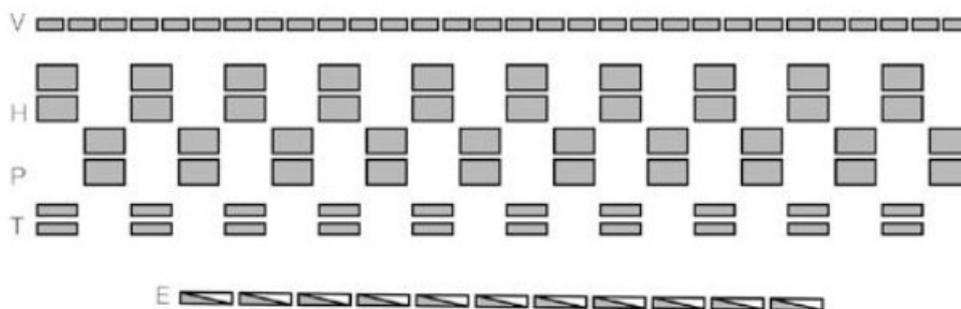
A formação padrão do exército romano em batalha era o *triplex acies*, ou seja, três linhas de infantaria pesada, com a cavalaria nos flancos. Na primeira linha vinham os hastários, na segunda os príncipes, e na terceira os triários. O que diferenciava a formação romana de suas contemporâneas era a presença de intervalos entre os manípulos, com a largura correspondente a da frente do manípulo. Os intervalos da primeira linha eram cobertos com os manípulos da segunda, os quais eram cobertos pela terceira linha, dando a aparência de um tabuleiro de xadrez. (TAYLOR, 2017)

A vantagem de ter uma formação com intervalos entre as unidades é a maior mobilidade, visto que é possível desviar de obstáculos sem desorganizar as linhas. Existe, contudo, uma discussão sobre se os intervalos permaneciam durante a luta ou se eram preenchidos antes do contato com o inimigo. É mais provável que permanecessem, pois permitiria que homens descansados das outras linhas entrassem na batalha quando necessário, e não havia o temor da infiltração de inimigos, já que os intervalos eram cobertos pela linha de trás. (GOLDSWORTHY, 2001)

A principal virtude do exército romano era conseguir manter uma pressão constantemente renovada na linha de frente, devido à sua formação permitir que as linhas da retaguarda contribuíssem. Para que isso ocorresse, o comandante deveria julgar corretamente o momento de utilizar suas reservas. (TAYLOR, 2017)

Cartago, por ter uma quantidade de cidadãos pequena, abandonou a prática de enviá-los à guerra séculos antes da Segunda Guerra Púnica. Os cartagineses que tinham a cidadania serviam o exército apenas nos casos em que a própria cidade de Cartago estava sob ameaça. Quando isso acontecia, lutavam na formação de falange, com escudos e longas lanças. (CARTWRIGHT, 2016)

Figura 3- Exército Consular Romano



Fonte: TAYLOR (2017)

Devido a esse fato, a maior parte do exército cartaginês era composto por estrangeiros. Dentre esses destacavam-se os líbios, cuja infantaria pesada lutava com escudos ovais e lanças, além de armadura e capacete. A cavalaria líbia também tinha valor, era bem disciplinada e tinha a capacidade de cargas controladas. A cavalaria leve nômada, famosa por sua efetividade, lutava principalmente arremessando dardos. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os soldados que vinham da Península Ibérica compunham vários elementos de combate. A infantaria pesada ibera lutava em uma massa compacta, parecida com uma falange, porém menos disciplinada. Possuíam uma lança pesada para arremesso, e uma espada, que podia ser o gládio (adotado pelos romanos) ou a *falcata*, uma espada curvada. A infantaria leve usava um pequeno escudo, e lançava dardos. Já os gauleses lutavam em uma formação emassada, levando escudos e dardos, porém sua arma principal era uma espada longa. As cavalarias espanhola e gaulesa eram corajosas, mas indisciplinadas. Sua tática principal também era a carga. A utilização de armadura por esses povos menos civilizados era rara, com alguns poucos usando capacetes. Todos os guerreiros dessa região eram caracterizados como ferozes no início da batalha, mas inclinados a esmorecerem se não conseguissem uma vitória rápida. (GOLDSWORTHY, 2001)

Por serem compostos de elementos tão heterogêneos, era preciso muita coordenação por parte dos comandantes para conseguir utilizar o exército. Era preciso traduzir as ordens para diversas línguas. Cada contingente costumava ter seus próprios chefes, subordinados ao comandante-geral cartaginês. Os gauleses, por exemplo, lutavam dentro das tribos, e os nômadas eram comandados por seus príncipes. (GOLDSWORTHY, 2001)

Diferentemente do que geralmente se diz, os exércitos de Cartago não eram compostos apenas por mercenários contratados. Alguns dos soldados eram fornecidos por reinos aliados, outros vinham por lealdade a alguns generais (principalmente na Península Ibérica). De qualquer forma, a mistura dos diferentes contingentes dava aos cartagineses um exército balanceado e de alta qualidade, mesmo que o padrão disciplinar e a lealdade variassem de tropa para tropa. (GOLDSWORTHY, 2001)

A utilização de elefantes de guerra dava uma vantagem aos cartagineses contra inimigos despreparados, pois o tamanho e a ferocidade desses animais provocava terror no adversário. Os elefantes usados eram africanos, menores do que os recrutados na Índia. O animal era a própria arma, esmagando os inimigos a sua frente. Sua principal fraqueza era a possibilidade do próprio animal entrar em pânico e fugir, pisoteando as tropas amigas. (GOLDSWORTHY, 2001)

A marinha de guerra cartaginesa não tinha mais a força da Primeira Guerra Púnica, pois um dos termos do tratado de paz foi a transferência do controle de todas as ilhas entre a Sicília e a África para o controle romano. Sem essas bases navais, a marinha cartaginesa tinha um alcance operacional muito pequeno, razão para sua quase inatividade ao longo da Segunda Guerra Púnica. Os navios da época eram similares aos dos romanos (até porque os romanos fizeram seus primeiros navios de guerra ao copiarem os designs púnicos), movidos por remadores. Eram classificados de acordo com as fileiras de remadores. Os quinquirremes (cinco fileiras) eram os mais comuns, e os trirremes (três), mais ágeis, também eram bastante utilizados. Sobre o navio iam as tropas de infantaria leve e pesada. As principais táticas utilizadas eram o abalroamento (literalmente bater com a proa, revestida de metal, contra o casco inimigo) e a abordagem. (CARTWRIGHT, 2016)

Os comandantes cartagineses não provinham dos ocupantes dos cargos políticos. Eles eram nomeados, e por isso, diferentemente dos romanos (que entregavam o comando ao término de seu mandato), ficavam com o exército até o término da campanha. Por isso, tendiam a ser muito mais experientes. Por outro lado, devido ao medo da punição ao ser derrotado em batalha (a pena poderia chegar à crucificação) e também à maior dificuldade em repôr as baixas sofridas em comparação com os romanos (os quais tinham muito mais mão de obra disponível), os generais cartagineses tendiam a ser menos agressivos do que os de Roma. (CARTWRIGHT, 2016)

A partir dos aspectos militares, nota-se que Roma contava com exércitos mais homogêneos, o que facilitava a coordenação e o controle das tropas. Além disso, os soldados romanos tendiam a receber um treinamento melhor, serem mais disciplinados e motivados que o inimigo. Cartago, por sua vez, tinham uma variedade de tropas maior, que mesmo de menor qualidade aumentavam as possibilidades de emprego por um comandante habilidoso que soubesse usar os pontos fortes de cada unidade.

5 SEGUNDA GUERRA PÚNICA

5.1 ANTECEDENTES

O primeiro contato registrado entre Roma e Cartago aconteceu no século VI a.C.. No ano de 508 a.C., foi firmado um tratado no qual os cartagineses concordavam em não interferir na Península Itálica, enquanto os romanos reconheciam a dominância dos mercadores púnicos na África. Séculos depois, durante a invasão de Pirro do Épiro, as duas civilizações concordaram com um apoio mútuo a fim de expulsar a força invasora, porém sem ações práticas.(BEARD, 2015)

Com a expansão romana na Península Itálica e a crescente prosperidade consequente, surgiu uma rivalidade, advinda do receio recíproco quanto às intenções da outra parte. Em 264 a.C., Roma decidiu intervir na Sicília. No ano anterior Cartago havia ganho uma disputa com Siracusa envolvendo a cidade de Messana, o que deu aos púnicos o controle sobre quase toda a Sicília. Temendo estar vulnerável a ataques na Itália, e antecipando ganhos econômicos, os romanos resolveram enviar uma expedição à ilha, iniciando a Primeira Guerra Púnica.

O primeiro conflito durou 23 anos, de 264 a.C. até 241 a.C.. Nenhuma das partes esperava que a luta fosse se alongar por tanto tempo, porém o que inicialmente era uma disputa por áreas de influência escalou para uma guerra mais ampla. A maior parte da guerra em terra firme tinha o objetivo de controlar as pequenas cidades espalhadas pela ilha. As batalhas mais significativas, entretanto, deram-se no mar, entre a bem equipada e experiente marinha cartaginesa e a incipiente marinha romana. Surpreendentemente, os romanos nunca haviam construído um navio de guerra. (GOLDSWORTHY, 2001)

Mesmo com toda a experiência das tripulações cartaginesas, os romanos conseguiram importantes vitórias, mas perderam muitos navios em tempestades. O corvus, equipamento inventado pelos legionários (basicamente uma ponte com um gancho na ponta, usada para prender o navio inimigo e invadi-lo com tropas), contribuiu tanto para as vitórias quanto para os desastres, pois ao mesmo tempo em que permitia que os romanos usassem seus soldados mais qualificados do modo como estavam acostumados (combate corpo a corpo), tornava os navios mais instáveis, o que causou as perdas durante as tormentas (GOLDSWORTHY, 2001)

Ao final da guerra, os dois Estados estavam exauridos de recursos. Os cidadãos romanos então pagaram do próprio bolso a construção de uma nova frota, que derrotou decisivamente os cartagineses na Batalha das Ilhas Égates. Após a batalha, Cartago se rendeu,

cedendo seus territórios na Sicília e todas as ilhas entre a Sicília e a África, além de ter que pagar uma pesada indenização. Os dois lados se comprometeram a não se aliar com os inimigos um do outro e a não interferir nos assuntos internos da outra parte. (GOLDSWORTHY, 2001)

Logo após a Primeira Guerra Púnica, Cartago se envolveu na Guerra Mercenária. Ao tentar diminuir os pagamentos dos mercenários que lutaram na guerra com Roma (os mercenários seriam pagos no final do conflito), causou uma revolta generalizada. Muitos dos mercenários eram líbios, os quais conseguiram que alguns reinos líbios na região se unissem ao movimento (havia descontentamento na Líbia devido aos altos impostos cobrados durante a guerra, além da já conhecida animosidade causada pelo domínio púnico). Essa guerra colocou em risco a própria existência de Cartago, pois os inimigos eram muitos. Porém, com comandantes mais experientes, as tropas cartaginesas que se mantiveram leais conseguiram derrotar os revoltosos em 237 a.C.. (GOLDSWORTHY, 2001)

Durante a Guerra Mercenária, Roma aproveitou-se da fragilidade de Cartago para invadir a Sardenha, que estava nas mãos dos revoltosos. Quando os cartagineses protestaram, invocando o tratado de paz, Roma ameaçou outra guerra, a qual Cartago não tinha condições de combater. Resignou-se, então, a aceitar a perda de outro território. Esse acontecimento contribuiu para a posterior animosidade entre os dois povos, mais até do que o resultado da Primeira Guerra Púnica. (GOLDSWORTHY, 2001)

Cartago lançou-se então à conquista da Península Ibérica, sob o comando dos Bárcidas. Amílcar Barca havia se destacado na guerra contra Roma, e por isso foi escolhido para comandar as ações. Com sua morte, seu genro Asdrúbal assumiu o comando. Quando este foi assassinado, o filho de Amílcar, Aníbal Barca, foi aclamado pelas tropas, decisão ratificada por Cartago. (MATYSZAK, 2004)

Os romanos ficaram preocupados com a expansão cartaginesa na Península Ibérica, e algumas vezes enviaram embaixadores à região. Cartago justificou suas ações dizendo que precisava de novos territórios para poder continuar a pagar as indenizações a Roma. De qualquer forma, um acordo entre Roma e Asdrúbal limitou as áreas de influência na região: Cartago poderia se expandir até o Rio Ebro, que passou a ser o limite norte cartaginês na Península. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.2 CAUSAS

A Segunda Guerra Púnica é uma consequência direta da Primeira. A derrota cartaginesa, com a perda de territórios e bases importantes e o pagamento de uma indenização vista como desproporcional, visto que os romanos também estavam exauridos, provocou ressentimento para com Roma. Isso somado à anexação da Sardenha, em meio à fragilidade causada pela revolta dos mercenários, foi o suficiente para que surgisse um ódio por parte dos cidadãos da cidade africana em relação aos romanos. (GOLDSWORTHY, 2001)

Amílcar Barca foi um dos mais atingidos pela vontade de vingança contra os romanos. A expansão na Península Ibérica promovida por ele tinha o intuito de fortalecer novamente Cartago a ponto de prepará-la para um novo conflito com Roma. Ao expandir o território na atual Espanha, a civilização africana colocou uma grande quantidade de recursos e de mão de obra diretamente sob seu controle. (GOLDSWORTHY, 2001)

O comportamento de Cartago não era esperado pelos romanos, pois estes estavam acostumados a ter o domínio total sobre os povos que derrotava em guerra. Por isso, enviou embaixadores até Amílcar e, posteriormente a Asdrúbal e Aníbal, para tentar limitar suas ações. Cartago, por sua vez, não tinha motivo para se ver subordinada aos romanos em sua política externa. (GOLDSWORTHY, 2001)

O estopim da guerra aconteceu na cidade de Sagunto, localizada na Península Ibérica (próximo à atual Valência, na Espanha). Mesmo localizada ao sul do Rio Ebro, era aliada e protegida dos romanos. Essa cidade entrou em conflito com uma das tribos da região, a qual era aliada de Aníbal. Para proteger os interesses de suas forças amigas e reafirmar seu poder, Aníbal colocou Sagunto sob cerco, mesmo após ser alertado por enviados romanos para não o fazer. (MATYSZAK, 2004)

Aníbal tomou a cidade por assalto após 8 meses. Roma enviou uma comissão diretamente para Cartago, para exigir a punição de Aníbal, caso contrário declararia guerra. Uma minoria concordou com os enviados, mas quase a totalidade do Conselho decidiu pela guerra. (GOLDSWORTHY, 2001)

A rapidez das ações de Aníbal após este ponto comprova que a guerra com Roma já era planejada, e que a expansão para a Península Ibérica tinha por objetivo conseguir uma base a partir da qual poderia ser lançada uma ofensiva contra Roma. Aníbal provavelmente herdou o plano de seu pai, Amílcar, do mesmo modo que Alexandre herdou o plano de invasão do Império Persa de seu pai, Filipe II. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.3 TRAVESSIA DOS ALPES

O plano de Aníbal era levar a guerra para a Península Itálica, para que conseguisse a iniciativa das ações. Para isso, o primeiro desafio era chegar até lá. A falta de recursos navais tornava uma invasão em grande escala impossível. Restava então a opção de ir por terra, também difícil pela dificuldade em transportar os suprimentos para o enorme exército de Aníbal, estimado em mais de 100 mil homens, incluindo 37 elefantes. (GOLDSWORTHY, 2001)

A rota escolhida saía da Península Ibérica, atravessava a Gália e passava pelos Alpes, desembocando no vale do Pó, no norte da Itália. Foram enviados emissários para as tribos gaulesas, de forma a garantir que o exército não tivesse confrontação no caminho até os romanos. Os gauleses, recentemente derrotados pelos romanos, em sua maioria não ofereceram objeção. (GOLDSWORTHY, 2001)

A hipótese mais provável é que a invasão de Aníbal tivesse o objetivo de fazer os aliados de Roma na Itália desertarem, enfraquecendo o poder romano. Para isso, ele teria que provar sua superioridade vencendo batalhas, até que Roma não tivesse mais vontade ou meios de lutar. (HOYOS, 2015)

O exército de Aníbal saiu de Nova Cartago, capital cartaginesa na península Ibérica, na primavera de 218 a.C., cruzando o rio Ebro pouco tempo depois. Precisou lutar com as tribos até os Pirineus, aceitando sofrer mais baixas nas batalhas e assaltos às cidades, em troca de conseguir um avanço mais rápido. Após a rendição dessas tribos, deixou um contingente de 10 mil homens na região. (GOLDSWORTHY, 2001)

Antes de deixar a Espanha, Aníbal deixou sua bagagem pesada e alguns homens para trás, para ter mais velocidade. A época de colheitas o ajudaria a conseguir comida nos campos pelos quais passaria. Entrou na Gália com 50 mil infantas e 9 mil cavaleiros, além dos elefantes. Além dos contingentes mantidos na Espanha, deserções e baixas nas lutas com as tribos contribuíram para reduzir seu exército, ainda grande para a época. (GOLDSWORTHY, 2001)

Aníbal só encontrou resistência gaulesa no Rio Ródano (sul da atual França), mas conseguiu cruzá-lo ao enviar um destacamento para atravessar o rio em outro ponto, o que surpreendeu os adversários e os colocou em fuga. Próximo a esse ponto, um exército consular romano, comandado pelo cônsul Publius Cornelius Scipio, aportou em Massília (o plano era chegar à Península Ibérica para confrontar Aníbal lá mesmo), aliado romano na região. Tomando ciência da proximidade de Aníbal, tentou atacá-lo, mas o exército cartaginês já

havia partido em direção aos Alpes. Sem condições de suprimento para seguir o general de Cartago, Scipio enviou então a maior parte de sua força para a Península Ibérica, e retornou para a Itália para enfrentar Aníbal caso ele cruzasse os Alpes. (GOLDSWORTHY, 2001)

O exército de Aníbal levou nove dias entre o início da elevação e o ponto mais alto da passagem entre os Alpes. Durante essa rota a coluna de marcha foi atacada várias vezes pelas tribos locais que não responderam aos emissários enviados, principalmente os alobrogianos, sofrendo perdas em pessoal e material. Em reprimenda, Aníbal destruiu o assentamento da tribo. A descida também foi difícil, pois o caminho era estreito e escorregadio (era novembro, e o inverno se aproximava). O exército cartaginês finalmente atingiu as terras mais baixas no norte da Itália, fraco e desgastado, cinco meses após sair da Península Ibérica. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.4 A GUERRA NA ITÁLIA

Aníbal chegou a Itália com um exército de 20 mil infantes e 6 mil cavaleiros, após todo o atrito sofrido nos Alpes. Sua prioridade era conseguir comida e reforços, a fim de fortalecer suas tropas. Para isso tomou a cidade de uma tribo da região, e assim que descansou suas tropas, avançou para o sul. Ele precisava mostrar confiança para convencer as tribos locais a se juntar às suas forças. Scipio já estava na região, comandando um pequeno exército (a maior parte de suas tropas estava na Península Ibérica), e confrontou o inimigo cartaginês. Próximo a Ticinus, as cavalarias adversárias encontraram-se durante os reconhecimentos, com os cartagineses conseguindo a vitória na escaramuça devido à sua superioridade numérica. Ferido, Scipio retirou-se para Placentia. (GOLDSWORTHY, 2001)

As tribos locais começaram a unir-se a Aníbal, e houve uma deserção de soldados gauleses que lutavam pelos romanos. O Senado, chocado com a presença de Aníbal em solo italiano, cancelou a invasão da África programada, enviando o exército comandado por Sempronius Longus (que seria o comandante da invasão) para o norte, onde este se juntou a Scipio. Ao conseguir uma pequena vitória em uma escaramuça, Sempronius decidiu travar batalha assim que possível. Aníbal também precisava de uma grande vitória para conseguir mais apoio. (GOLDSWORTHY, 2001)

Com cada exército acampado em uma das margens do Rio Trébia, Aníbal conseguiu atrair os romanos para que estes atacassem sua posição. Na Batalha do Trébia, os cartagineses conseguiram a vitória com grande ajuda de sua cavalaria superior, porém a infantaria romana conseguiu abrir caminho até se refugiar em Placentia, mesmo com pesadas baixas. A batalha

começou a mostrar aos romanos a genialidade de Aníbal. Pouco tempo depois, os cartagineses perderam homens e cavalos devido ao frio extremo, com apenas um elefante sobrevivendo. (TAYLOR, 2017)

Após a inatividade no inverno característica das guerras da época, Aníbal retomou as operações na primavera de 217 a.C., avançando para o sul pelo lado leste dos Apeninos. O Senado enviou os dois exércitos consulares para a região, cada um para bloquear uma das duas possíveis rotas. Aníbal então cruzou os Apeninos para o outro lado da Península Itálica. Procurando atrair os romanos para uma batalha em termos favoráveis, o general cartaginês passou direto pelo exército comandado por Caius Flaminius, cônsul eleito naquele ano, e devastou os campos por onde passava. Flaminius, homem de temperamento impulsivo, respondeu imediatamente, iniciando a perseguição. (GOLDSWORTHY, 2001)

Quando os exércitos estavam a menos de um dia de marcha um do outro, Aníbal montou uma emboscada no Lago Trasimeno, escondendo suas tropas atrás de colinas durante a noite. O exército romano marchou diretamente para a armadilha, sendo emboscado e destruído. Flaminius foi morto na ação. (TAYLOR, 2017)

Após o desastre, o Senado romano decidiu eleger um ditador para resolver a crise. O escolhido foi Quintus Fabius Maximus, um comandante experiente. Este iniciou os preparativos para a defesa de Roma, sem saber que Aníbal havia partido em outra direção, arrasando plantações e vilarejos. O cartaginês dirigiu-se para o sul, onde entrou em contato com um exército comandado por Fabius. (GOLDSWORTHY, 2001)

O ditador romano, entretanto, deu início ao que seria conhecido como estratégia fabiana. Reconhecendo a superioridade do exército inimigo e de seu comandante, evitou travar batalha, limitando-se a seguir Aníbal, ocupando sempre terreno favorável, o qual dificilmente seria atacado. Seu plano era se aproveitar da dificuldade cartaginesa de conseguir suprimentos e enfraquecer o invasor. O plano executado não foi bem recebido pela população, pois os campos e plantações continuariam a ser devastados. Fabius conseguiu cercar o inimigo em uma planície cercada por montanhas, porém Aníbal conseguiu retirar seu exército durante a noite, usando tochas amarradas a cabeças de gado para simular homens. Os romanos foram atraídos pela isca, e abandonaram as passagens que permitiram o adversário passar. (HOYOS, 2015)

Após esgotar-se o período de ditadura, os romanos conseguiram se recuperar das derrotas iniciais graças a estratégia de Fabius, mas estavam ávidos por encontrar Aníbal no campo de batalha. Em 216 a.C., a quantidade de tropas recrutadas foi dobrada, com 4 legiões para cada cônsul, mais as tropas aliadas. As próprias legiões eram maiores que o comum, com

5 mil homens. Os dois exércitos consulares marcharam em direção a Canas, onde estava o exército cartaginês, e lá uniram forças. (GOLDSWORTHY, 2001)

Ambos os lados tinham problemas de suprimento, e era difícil retrair com a proximidade do inimigo, logo a batalha deveria acontecer sem demora. Após poucos dias, a batalha foi travada na planície próxima a Canas, limitada por um rio e por colinas nas laterais. Através de uma manobra perfeitamente executada, Aníbal conseguiu envolver o exército romano e, mesmo com uma inferioridade numérica muito grande, conseguiu destruir ou capturar quase a totalidade do maior exército romano até então. As fontes antigas falam em cerca de 45 mil mortos, e 17 mil capturados. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após a Batalha de Canas, Aníbal não marchou contra Roma, pois não poderia tomá-la de assalto devido às fortificações, nem sitiá-la por muito tempo, porque teria que se defender contra mais legiões. Os romanos também se recusaram a se render, recrutando mais quatro legiões a partir da população mais jovem. Muitos dos aliados romanos que compunham o território da República desertaram, juntando-se a Aníbal, que agora tinha bases para conseguir suprimentos. (HOYOS, 2015)

Nos anos seguintes, a guerra mudou de figura. Roma, utilizando-se de sua gigantesca reserva de recursos humanos, recrutou legiões em número recorde. Seus comandantes já eram homens experientes, pois foi comum reeleger esses políticos para as magistraturas nesse tempo de crise. Essas legiões não iriam compor uma única massa para tentar derrotar Aníbal, mas sim atuar descentralizadas. Isso foi possível porque, embora os cartagineses agora tivessem o apoio de povos italianos, tinham a obrigação de defender seus novos aliados. Os exércitos romanos eram capazes de derrotar todos os exércitos dos italianos rebeldes com facilidade, o que sobrecarregou Aníbal, que não podia estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. (HOYOS, 2015)

Com isso, aos poucos os romanos foram reconquistando os territórios perdidos, tomando cidades pelo cerco (Cápua, maior cidade a se rebelar, foi forçada a se render devido à falta de comida, pois Aníbal não conseguiu romper o cerco) ou por traição de parte dos defensores (a cidade de Tarento, porto importante no extremo sul da Península Itálica, trocou de mãos duas vezes por esse método). Em 207 a.C., Aníbal estava confinado a uma região no sul da Itália, ainda invencível, mas com cada vez menos apoio, sem receber reforços significativos de Cartago desde 216 a.C.. (GOLDSWORTHY, 2001)

A última tentativa de reforços chegou à Península Itálica em 207 a.C., na forma do irmão de Aníbal, Asdrúbal. Asdrúbal, que havia sido derrotado na Península Ibérica, seguiu a mesma rota de seu irmão 11 anos antes, e tinha a intenção de unir suas forças as de Aníbal.

Porém os romanos tiveram informação de sua presença antes que os irmãos pudessem fazer contato, e enviaram dois exércitos para interceptar o recém-chegado. Asdrúbal tentou retroceder, mas foi forçado a travar batalha próximo ao Rio Metauro. O comandante cartaginês foi morto e seu exército destruído, antes mesmo de Aníbal ter ciência de sua presença.(HOYOS, 2015)

Nos quatro anos seguintes, os romanos conseguiram limitar Aníbal a operar no extremo sul da Itália. Em 203 a.C. seu exército foi chamado para defender a África do ataque romano, ao que abandonaram a Península Itálica por via marítima. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.5 A GUERRA NA SICÍLIA

A Sicília era dividida entre o controle de Roma e de Siracusa. O conflito naquela região era limitado às ações navais, porque Roma e Siracusa eram aliados. Com a morte do rei Hiero, contudo, a cidade grega foi tomada por uma crise política. Alguns soberanos se sucederam, com a ocorrência de assassinatos, até que uma facção anti-romana tomou o poder, aliando-se a Cartago em 214 a.C. e rebelando-se contra os romanos, junto a algumas comunidades sicilianas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após pequenas lutas na ilha, Marcellus, comandante romano, lançou um assalto à Siracusa, que falhou devido às fortificações avançadas e aos engenhos de Arquimedes, famoso inventor da Grécia Antiga. Os romanos se limitaram então a bloquear a cidade, para que se rendesse quando acabassem os suprimentos, enquanto outra parte do exército atacava as outras cidades rebeladas. Pouco tempo depois um exército cartaginês de quase 30 mil homens foi enviado à ilha, comandado por Himilco. Este se encarregou de incitar outras cidades da região a se juntar à causa cartaginesa, porém não aliviou o cerco à capital grega na região. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em 212 a.C., Marcellus conseguiu tomar Siracusa em um ataque noturno surpresa, em que seus homens conseguiram subir nas muralhas secretamente com escadas e abrir os portões para o restante do exército. Uma pequena parte da cidade próxima ao porto não foi capturada por ser muito fortificada, e foi mantida sob bloqueio. Antes que Himilco pudesse intervir, houve uma epidemia em seu exército, que matou quase todos os soldados, inclusive seu comandante. As tropas sitiadas eram supridas ainda pela marinha cartaginesa, que eventualmente conseguia romper o bloqueio romano, até que um dos comboios de suprimento foi repellido, com seu comandante desistindo de levar a carga até os sitiados. (BAGNALL, 2014)

As partes remanescentes de Siracusa, sem mais esperança de resistir, foram entregues por traidores, que abriram caminho para os romanos, que iniciaram então o saque à cidade. Após a queda da capital regional, várias cidades retornaram a ser leais a Roma. Os remanescentes do exército de Himilco, comandados agora por Hanno, continuaram a depredar os territórios romanos, até que foram destruídos em batalha. (GOLDSWORTHY, 2001)

Um último reforço de Cartago foi enviado para Hanno e conseguiu algum sucesso, até que divergências entre os oficiais causaram uma derrota decisiva. Um dos oficiais, revoltado com seu comandante, abriu os portões da maior cidade sob controle cartaginês, Agrigento, para os romanos, o que causou a tomada da fortaleza e a rendição de todas as localidades controladas por Cartago à Roma, sinalizando o fim do conflito na Sicília. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.6 A GUERRA NA ESPANHA

Grande parte dos exércitos que lutaram na Península Ibérica era composta por soldados locais, cuja lealdade dependia de qual dos lados parecia mais forte no momento. A maior parte da região era uma conquista recente dos cartagineses, com o extremo sul da península sendo a única parte ocupada há séculos. Por isso, as rebeliões das tribos que viviam nos locais eram frequentes, já que os novos domínios de Cartago ainda não haviam sido consolidados. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após não conseguir interceptar Aníbal no Rio Ródano, o exército romano de Publius Cornelius Scipio prosseguiu para a Espanha sob o comando de seu irmão, Cnaeus, chegando ainda em 218 a.C.. Avançando pela costa, conseguiu o apoio de vários povos da região, e até a deserção de vários aliados cartagineses no norte da península, conseguindo um território a partir do qual poderia operar. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em 217 a.C., Asdrúbal (irmão de Aníbal) recrutou forças para tentar expulsar os romanos da região. Marchou para o norte ao longo da costa, acompanhado por uma força naval. Cnaeus se recusou a travar batalha, mas conseguiu uma vitória no mar contra a frota cartaginesa, capturando 25 navios e destruindo 6. Esse sucesso motivou o Senado romano a enviar reforços à região, comandados por Publius, com ordens para tomar a ofensiva. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após derrotar uma rebelião entre as tribos aliadas e receber reforços, Asdrúbal iniciou sua primeira tentativa de juntar a Aníbal na Itália, em 215 a.C.. Os romanos barraram seu caminho pouco a sul do Rio Ebro. Na batalha que se seguiu, Publius e Cnaeus conseguiram

uma vitória decisiva, conseguindo invadir o acampamento inimigo após a luta. A vitória impediu que houvesse uma nova invasão à Itália. (GOLDSWORTHY, 2001)

A derrota motivou Cartago a enviar reforços para a região, na forma de três exércitos, comandados por Asdrúbal Barca, Mago Barca (irmão de Aníbal e Asdrúbal) e Asdrúbal Gisgo. Esses exércitos operavam separados, pois tinham que cobrir todo o território da Península Ibérica, devido às rebeliões. Enquanto isso, os romanos recebiam poucos reforços, com reclamações por parte dos comandantes enviadas para o Senado. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em 211 a.C., os romanos lançaram uma grande ofensiva contra o território cartaginês. Mago e Gisgo uniram suas forças, enquanto Asdrúbal estava próximo a eles. Para enfrentá-los, Publius recrutou 20 mil celtiberos locais. Publius e dois terços dos romanos enfrentaram Mago e Gisgo, enquanto Cnaeus, com um terço dos romanos mais os celtiberos, enfrentaria Asdrúbal. Entretanto, este último subornou os celtiberos para que desertassem, obrigando Cnaeus a se retirar. Nos combates subsequentes, os romanos em inferioridade numérica foram completamente destruídos, com Publius e Cnaeus morrendo na luta. Após a vitória, os três exércitos cartagineses voltaram a se dispersar pela península, enquanto os romanos mantiveram apenas um pequeno território ao norte do Ebro, pois vários de seus aliados locais deixaram de apoiá-los. (GOLDSWORTHY, 2001)

O Senado voltou a enviar tropas romanas para a região em 210 a.C., sob o comando de Caius Claudius Nero, que obteve sucesso limitado nas ações. Ao final do ano, este foi substituído por Publius Cornelius Scipio, filho do general de mesmo nome morto no ano anterior. A escolha de Scipio não tinha precedentes, pois ele era muito jovem e não tinha ocupado nenhum cargo político importante até então, embora já tivesse participado em numerosas campanhas como oficial romano. A escolha pode ser explicada pela baixa atratividade do posto de comandante romano na Espanha, já que o prognóstico de sucesso era baixo devido à superioridade inimiga na região. Sem outros voluntários, o Senado escolheu Scipio, que viria a ser o mais destacado general romano no conflito. (GOLDSWORTHY, 2001)

Com os três exércitos púnicos espalhados pela Península Ibérica, Scipio decidiu-se pelo ousado plano de tomar a capital cartaginesa na região, Nova Cartago. Os outros exércitos estavam distantes para apoiar a cidade imediatamente, mas os romanos teriam que assaltar a cidade rapidamente, já que um bloqueio até a submissão daria tempo para os reforços chegarem. Através de informantes locais, Scipio descobriu uma fraqueza nas fortificações, em uma lagoa que dava acesso à retaguarda das muralhas, e cujo nível baixava ao final da tarde, a ponto de permitir a passagem de tropas. Enviando a maior parte de sua força para um ataque

frontal, o general romano permitiu os homens que atravessaram a lagoa não encontrassem resistência, conseguindo capturar os portões e deixar o restante das tropas adentrar a cidade. Assim, Nova Cartago foi capturada apenas dois dias após a chegada dos romanos. (BAGNALL, 2014)

A captura da cidade permitiu aos romanos conseguir novamente o apoio de muitas tribos da península, pois Scipio tratou os prisioneiros com cortesia e os enviou de volta para casa. Além disso, os cartagineses perderam seu principal ponto de apoio logístico na região. Após o inverno, durante o qual Scipio treinou suas tropas exaustivamente, em 208 a.C. o comandante romano planejou entrar em confronto com um dos exércitos cartagineses. O plano de Asdrúbal era ir para a Itália se unir a Aníbal. Os dois exércitos encontraram-se próximos a Bécula, e Asdrúbal ocupou um terreno alto e favorável, que dificilmente seria atacado. Não fica claro se sua intenção era não lutar ou esperar os reforços de Mago e Gisgo. Em todo caso, Scipio conseguiu forçar a batalha através de uma manobra pelos flancos do adversário, antes mesmo que este estivesse com suas linhas formadas. Com grandes perdas, Asdrúbal fugiu com o restante de suas forças, prosseguindo em seu caminho para a Itália, onde seria derrotado e morto na Batalha do Metauro. Com a vitória, os romanos conseguiram ainda mais apoio local, mas ainda estavam em grande desvantagem numérica. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após um ano sem grandes operações por nenhum dos lados, em 206 a.C. os cartagineses, sob o comando de Gisgo, reuniram a maior parte de suas tropas na região para tentar derrotar os romanos em batalha, acampando próximo a Ílipa. Scipio, mesmo com menos soldados, estava ansioso por uma batalha decisiva, e marchou em direção ao inimigo, estabelecendo um acampamento próximo ao adversário. Nos dias seguintes, os exércitos saíam dos acampamentos e formavam a linha de batalha, mas sem avançar, retornando após algumas horas. (TAYLOR, 2017)

Após alguns dias nessa rotina, em um dia escolhido Scipio ordenou que suas tropas entrassem em formação de batalha logo ao amanhecer, alterando a distribuição das tropas para colocar seus melhores homens nos flancos. As tropas cartaginesas entraram em posição às pressas, e Gisgo só percebeu a diferença no dispositivo romano quando já não podia modificar o seu próprio. Na batalha que se seguiu, os romanos venceram por meio de manobras que aumentaram ainda mais a superioridade nos flancos. No dia seguinte, os poucos homens que Gisgo ainda tinha começaram a desertar, ao que o comandante cartaginês comandou uma retirada, refugiando-se no norte da África. (TAYLOR, 2017)

Nos meses seguintes os romanos receberam a rendição das tribos remanescentes da Península Ibérica, e após vencer algumas rebeliões, a última cidade cartaginesa na região (Gades) se rendeu. Em apenas 5 anos Scipio havia convertido uma grande desvantagem na expulsão completa dos cartagineses da região. Ele combinava a característica agressividade dos comandantes romanos com uma cuidadosa preparação. Scipio foi recebido com uma grande ovação em Roma, onde foi eleito para o consulado no ano seguinte. (GOLDSWORTHY, 2001)

5.7 A GUERRA NA ÁFRICA

No ano de seu consulado, Scipio esteve na Sicília, preparando um novo exército para invadir a África e forçar a rendição de Cartago. Ele tinha opositores no Senado que tentaram impedi-lo (Fabius, por exemplo, acreditava que o risco era muito grande, com Aníbal ainda invicto na Península Itálica), mas conseguiu a aprovação para sua operação. Após conseguir apoio de Masinissa, um príncipe númida lutando em uma guerra civil pelo controle de seu reino, Scipio lançou sua invasão, partindo da Sicília em 204 a.C. acompanhado por uma escolta naval e grandes quantidades de suprimento. (GOLDSWORTHY, 2001)

Chegando à África, os romanos iniciaram suas operações com sucesso, vencendo vários pequenos combates. Scipio então iniciou um cerco à cidade de Útica, importante porto que o general planejava usar como base. Tentando quebrar o cerco, foram enviados a região dois exércitos, um comandado por Síphax (rei rival de Masinissa) e outro por Gisgo. Scipio então atacou os acampamentos onde esses exércitos estavam, incendiando-os e eliminando aqueles que conseguiram escapar das chamas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Gisgo e Síphax conseguiram recrutar mais homens, principalmente na Península Ibérica (mesmo sem território na região, os cartagineses ainda conseguiam contratar mercenários celtiberos). Este novo exército foi derrotado na rápida Batalha das Grandes Planícies. Após a vitória, Masinissa e parte do exército marcharam até a Númidia, onde capturaram Síphax e conseguiram o controle do reino para o aliado de Roma. No outono de 203 a.C., os cartagineses aceitaram um tratado de paz com os romanos, em termos não muito severos. Nesse momento, Aníbal foi chamado de volta à África, partindo da Itália com seu exército. (GOLDSWORTHY, 2001)

Na primavera de 202 a.C., navios carregando suprimentos para as tropas romanas na África foram capturados por cartagineses após perderem-se em uma tempestade. Scipio argumentou que isso era uma quebra do tratado de paz firmado, mas os cartagineses,

animados com a presença do exército de Aníbal, decidiram por retomar o conflito. Scipio então retomou as operações com agressividade, tomando cidade após cidade, vendendo a população como escrava mesmo nas cidades que se rendiam antes do assalto. (BAGNALL, 2014)

As ações do comandante romano fizeram com que o Conselho cartaginês clamasse para que Aníbal confrontasse Scipio em batalha para expulsar o invasor. Com o apoio de Masinissa aos romanos, dessa vez Aníbal não contava com a superioridade em cavalaria que foi a chave de quase todas as suas vitórias. Um dia antes da Batalha de Zama os generais se encontraram pessoalmente, porém o conteúdo da conversa é desconhecido. (GOLDSWORTHY, 2001)

Na batalha, a superioridade romana foi comprovada, com Scipio conseguindo anular uma carga de elefantes através de uma tática engenhosa. Sua cavalaria derrotou a adversária, e retornou para dar a carga final sobre a infantaria já engajada de Aníbal, provocando sua fuga e posterior massacre. Após o combate, Cartago não tinha mais recursos ou vontade de prosseguir na guerra, e se rendeu. (TAYLOR, 2017)

5.8 CONSEQUÊNCIAS

Devido aos cartagineses terem quebrado o primeiro armistício, Scipio ditou termos muito mais duros no novo tratado. Todos os prisioneiros romanos deveriam ser libertados, todos os elefantes de guerra foram confiscados e a marinha foi reduzida a apenas 10 navios. Cartago perdeu todos os seus territórios fora da África, e mesmo em seu continente natal teve que reconhecer os ganhos territoriais do novo reino de Masinissa. A indenização a ser paga seria de 10 mil talentos de prata, pagos ao longo de 50 anos. Os cartagineses somente poderiam entrar em guerra na África e somente com a permissão de Roma. Reféns foram escolhidos entre as famílias nobres e levados à Roma para assegurar que o tratado fosse cumprido. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em resumo, o tratado assegurava que Cartago, mesmo que continuasse a existir como entidade independente, era claramente subordinada a Roma em todos os aspectos. Embora alguns senadores cartagineses não concordassem com os termos, o próprio Aníbal os convenceu que não estavam em posição de requerer outros termos. O tratado foi aceito e enviado a Roma para ser ratificado. (BAGNALL, 2014)

Scipio retornou a Roma para receber seu triunfo (o triunfo era uma cerimônia de aclamação de um general vitorioso), onde foi mais uma vez recebido como herói e agraciado

com o nome Africanus por sua vitória contra os cartagineses. Após a Segunda Guerra Púnica, os romanos tornaram-se a força dominante no Mar Mediterrâneo, com as guerras contra os macedônios, selêucidas e outros apenas confirmando sua hegemonia. O comércio floresceu ainda mais, e uma nova classe social surgiria a partir daqueles que enriqueceriam com as guerras subsequentes. (BAGNALL, 2014)

5.9 MOTIVOS DA VITÓRIA ROMANA

A vitória romana aconteceu devido a vários fatores, alguns deles externos aos campos de batalha. Alguns desses fatores são relacionados à superioridade em recursos estratégicos, enquanto outros são originários das estratégias empregadas pelos dirigentes das nações. (PARKER, 2001)

O comportamento dos romanos durante as crises foi fundamental para que estes conseguissem reunir forças para se reerguer e contra-atacar. Após as diversas derrotas infligidas por Aníbal entre 218 e 216 a.C., o Senado romano se recusou a negociar, recrutando mais tropas e parando de buscar combates decisivos contra o general cartaginês. Essa postura contrasta com a de Cartago, a qual perdeu a vontade de lutar por duas vezes, após as derrotas na África. (GOLDSWORTHY, 2001)

Roma contava também com uma superioridade quanto aos recursos humanos a disposição. Por ser muito mais flexível que Cartago quanto à extensão da cidadania aos povos absorvidos pelas conquistas anteriores, possibilitava que os exércitos romanos destruídos fossem repostos rapidamente, enquanto os cartagineses tinham dificuldade em reforçar as tropas que sofriam baixas. As tropas de Aníbal, por exemplo, eram muito menos disciplinadas e capazes de combater no final da guerra do que no início de sua invasão da Itália, pois os soldados recrutados como reforços localmente não tinham a qualidade dos veteranos da campanha. A dificuldade em enviar reforços também tinha como causa o domínio romano sobre o mar, com a marinha cartaginesa atuando pouco durante a guerra. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os romanos tratavam seus aliados italianos de forma menos autoritária que os cartagineses, além de beneficiá-los com obras de infraestrutura, como estradas. Isso contribuiu para que a maioria desses aliados não desertassem após a Batalha de Canas (contrário ao que Aníbal previra), mantendo sua lealdade e seus recursos ao lado de Roma. (PARKER, 2001)

Do ponto de vista estratégico, os cartagineses não conseguiram aproveitar a iniciativa que Aníbal conseguiu com suas vitórias iniciais, pois não conseguiram reforçar seu comandante com tropas e equipamentos, preferindo enviar mais recursos para os exércitos na Península Ibérica do que para a Itália. Os romanos, por sua vez, alocaram seus recursos, que já eram superiores, de forma mais racional, conseguindo vencer em qualquer lugar em que Aníbal não estivesse, enquanto mantinha o principal comandante inimigo sob controle no extremo sul da Península Itálica. (PARKER, 2001)

6 BATALHAS DA SEGUNDA GUERRA PÚNICA

6.1 TRÉBIA

A Batalha do Trébia aconteceu em dezembro de 218 a.C., envolvendo o exército cartaginês comandado por Aníbal e o exército consular romano liderado por Tiberius Sempronius Longus. A batalha aconteceu às margens do Rio Trébia, no norte da Península Itálica. Aníbal havia conseguido uma vitória em Ticinus no mês de novembro, o que forçou Sempronius, que estava preparando-se para invadir a África, a marchar para o norte e enfrentar o inimigo. (GOLDSWORTHY, 2001)

Assim que chegou à região, Sempronius estabeleceu seu acampamento na margem oposta ao acampamento de Aníbal, que já estava na região. Nos dias seguintes, um grupo de gauleses (sob comando cartaginês) realizando pilhagens fora do acampamento foi atacado por uma força romana composta por cavalaria e por vélites. Ambos os comandantes enviaram reforços, buscando apoiar aqueles que lutavam. Aníbal, porém, formou sua linha de batalha no terreno elevado em frente ao acampamento, de forma a permitir às tropas engajadas retrair, pois não queria enviar todo o seu exército a uma batalha não planejada, na qual não poderia interferir de maneira adequada. Os romanos não atacaram o adversário em posição superior, e retornaram ao seu acampamento motivados pela pequena vitória. (GOLDSWORTHY, 2001)

Ambos os comandantes estavam ansiosos por travar batalha. Aníbal precisava de uma vitória convincente para convencer mais gauleses a reforçar seu exército, enquanto Sempronius estava confiante pela vitória na escaramuça, além de querer derrotar Aníbal antes do final de seu mandato. (GOLDSWORTHY, 2001)

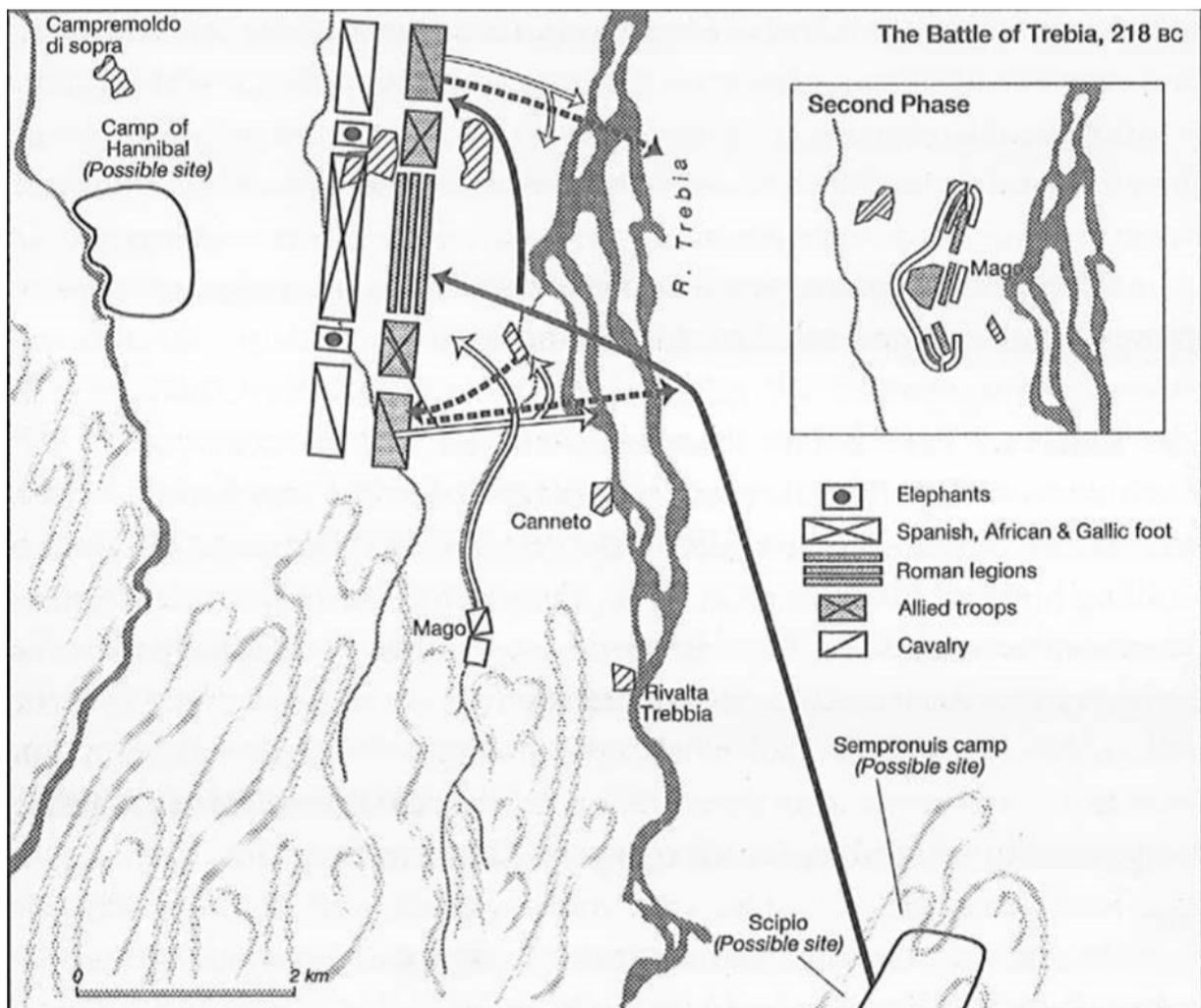
Em determinado dia, ao amanhecer, Aníbal enviou sua cavalaria leve núpida para atacar o acampamento romano, com a intenção de provocar a batalha. Seu plano foi bem-sucedido, e os romanos perseguiram os núpidas através do Trébia, formando sua linha de batalha na mesma margem de Aníbal. (TAYLOR, 2017)

O exército romano era composto de quatro legiões e pelos aliados, com um efetivo de 38 mil homens na infantaria e 4 mil na cavalaria. Sempronius seguiu a formação romana convencional, com as três linhas de hastários, príncipes e triários, as *alae* nos flancos e a cavalaria dividida igualmente nas laterais, além dos vélites à frente da formação. Os homens estavam cansados devido à travessia do rio, além de não terem comido de manhã devido ao ataque surpresa dos núpidas. A maior parte dos soldados havia sido recrutada a pouco tempo. (TAYLOR, 2017)

O exército cartaginês formou sua linha de batalha com a infantaria gaulesa ao centro, e os líbios e iberos nos flancos, totalizando 20 mil infantas. A cavalaria era composta por gauleses e iberos, além dos númidas, em um total de 10 mil cavaleiros divididos igualmente nos dois flancos. Os elefantes também foram divididos em dois grupos, um para cada flanco. A frente ia a infantaria leve, composta por lançadores de dardos e fundeiros das Ilhas Baleares. Aníbal também posicionou, na noite anterior, cerca de 2 mil homens escondidos ao sul de onde seria a batalha, para atacar os romanos pela retaguarda após o início da luta. (TAYLOR, 2017)

O campo de batalha era praticamente plano em toda a sua extensão. Ao sul, entretanto, havia colinas ao redor de um curso d'água, em um terreno com um bosque. Foi nessa posição que Aníbal escondeu seus 2 mil homens, comandados por seu irmão, Mago. A planície favorecia o uso de cavalaria. (GOLDSWORTHY, 2001)

Figura 4 – Batalha do Trébia



Fonte: GOLDSWORTHY (2016)

Sempronius avançou seu exército ao encontro do de Aníbal, que se manteve em sua posição. Antes das linhas entrarem em choque houve um confronto entre as infantarias leves, na qual os cartagineses tiveram vantagem. As tropas leves se retiraram através dos intervalos entre as unidades de infantaria pesada, as quais iniciaram a luta. Nos flancos, a cavalaria cartaginesa derrotou a romana com facilidade devido à vantagem numérica, passando a assolar os flancos da infantaria romana. (GOLDSWORTHY, 2001)

A batalha no centro continuou por algumas horas, pois os romanos tinham a vantagem entre os infantas. Mesmo conseguindo derrotar os gauleses no centro, a pressão nos flancos e na retaguarda, causados pela cavalaria cartaginesa e pelas tropas de Mago, fez com que a formação romana entrasse em colapso, causando a fuga das tropas de Sempronius. Os 10 mil legionários que derrotaram os gauleses retiraram-se do campo de batalha através do espaço na linha inimiga deixado pelos gauleses que fugiram, mantendo sua formação até conseguirem cruzar o Trébia para se refugiarem em Placentia, cidade próxima. Aníbal não conseguiu os impedir, já que suas tropas estavam em uma única linha, sem reservas. (TAYLOR, 2017)

As fontes são vagas quanto ao número de baixas, dizendo apenas que as perdas romanas foram pesadas, e que a maior parte das baixas cartaginesas ocorreu nas tropas gaulesas. Com a vitória, Aníbal conseguiu ainda mais apoio nas tribos da área, aumentando suas fontes de apoio e de reforços. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.1.1 Análise

Aníbal foi bem-sucedido na batalha do Trébia pois conseguiu fazer com que a pressão nos flancos romanos se tornasse insustentável, usando o princípio da Massa. Conseguiu isso ao concentrar suas melhores tropas, os iberos e líbios, além de seus elefantes de guerra, nas laterais das linhas, as quais lutavam contra as *alae* romanas, de qualidade inferior às tropas romanas do centro. Essa parte da linha de batalha provou ser o local decisivo nessa ocasião, pois mesmo o sucesso romano contra os gauleses no centro não evitou a derrota.

Aníbal também utilizou o princípio da Surpresa, porque conseguiu surpreender os romanos com os 2 mil homens escondidos ao sul da batalha, os quais atacaram pela retaguarda as tropas inimigas já engajadas. Sempronius, por sua vez, negligenciou o princípio da segurança, já que não considerou a possibilidade de haver tropas inimigas escondidas no bosque próximo ao campo de batalha, não enviando forças de reconhecimento e deixando-se surpreender.

6.2 LAGO TRASIMENO

A Batalha do Lago Trasimeno ocorreu no dia 21 de junho de 217 a.C., entre o exército de Aníbal e as forças dos cônsul Caius Flaminius. A batalha foi travada às margens do lago Trasimeno, onde hoje é a província italiana de Perúgia. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após o inverno, Aníbal reiniciou sua campanha marchando para o sul, ao longo dos Apeninos. Ao tomar conhecimento da posição do exército de Flaminius, planejou passar direto por ele, para atraí-lo a um local propício para batalha. O exército de Aníbal devastava as terras por onde passava, o que assegurava que os romanos iriam perseguir os cartagineses para impedir o saque às suas terras. O temperamento de Flaminius, impulsivo e tempestuoso, colaborou para que o plano de Aníbal tivesse êxito. (TAYLOR, 2017)

Marchando para o sul e sendo perseguido por Flaminius, Aníbal chegou ao Lago Trasimeno, onde reconheceu que o terreno do local era apropriado para realizar uma emboscada. A passagem principal margeava o lago, e no lado oposto havia uma linha de colinas, o que tornava o terreno bastante compartimentado. Nesse momento, os romanos estavam a apenas um dia de marcha de distância de Aníbal. (TAYLOR, 2017)

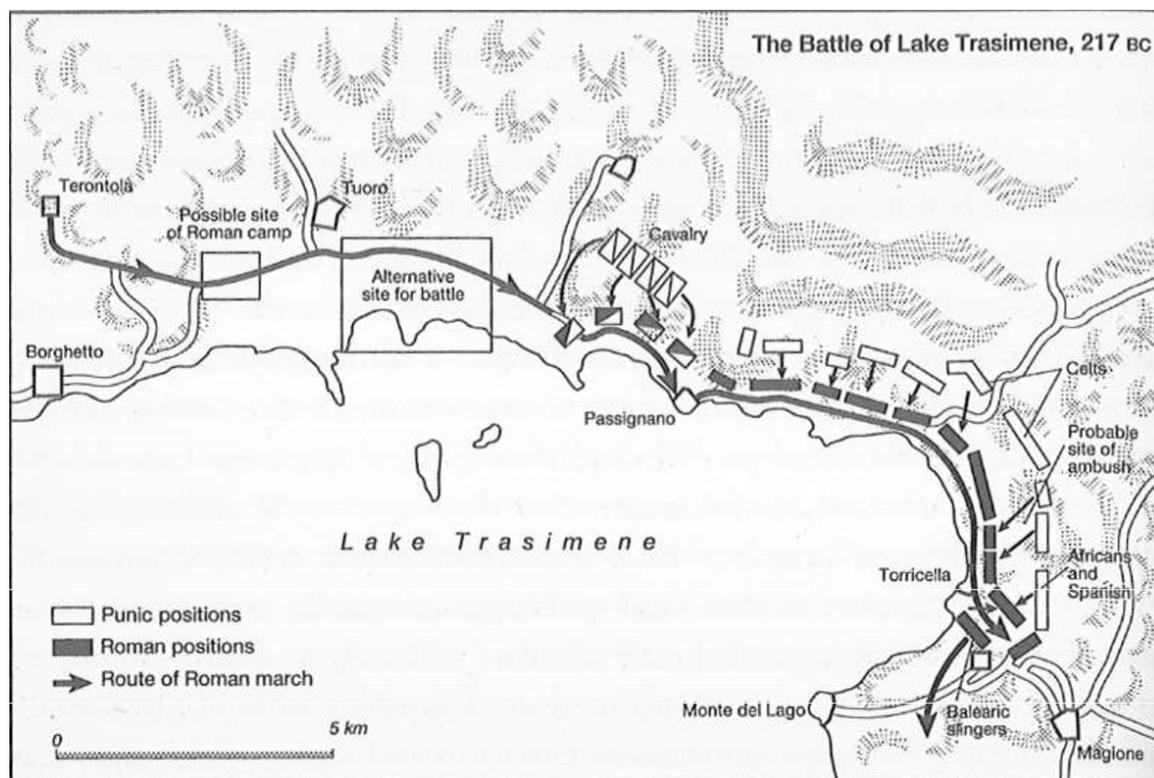
No dia 20 de junho, os cartagineses passaram pela rota ao lado do lago e montaram o acampamento no final da linha de colinas, em um ponto bastante visível. Ao cair da noite, Aníbal liderou suas tropas até posições paralelas à direção da estrada, por trás das colinas, onde não podiam ser vistas a partir da estrada. As tropas gaulesas foram colocadas no centro do dispositivo, os líbios e iberos no flanco esquerdo (mais próximo ao acampamento cartaginês) e a cavalaria no flanco direito, para cortar a rota de fuga dos romanos à retaguarda uma vez que estes ultrapassassem a posição. (GOLDSWORTHY, 2001)

Ao amanhecer do dia 21, as tropas romanas iniciaram a marcha em direção ao acampamento inimigo, visível no final da estrada. Estavam organizadas na formação em três colunas de marcha, para que conseguissem entrar na formação de batalha assim que avistassem os cartagineses (fariam isso com as tropas que iam a frente virando a direita, fazendo com que uma linha fosse formada com frente para a direção do inimigo). Flaminius não enviou batedores à frente, porque os romanos acreditavam que uma força que oferecesse perigo poderia ser vista de longe. (GOLDSWORTHY, 2001)

Enquanto os romanos marchavam pela estrada, as forças de Aníbal mantinham silêncio, demonstrando disciplina pouco característica para tropas da época, principalmente para os soldados gauleses. O ataque geral foi iniciado somente quando a vanguarda romana

encontrou a ala esquerda dos cartagineses. Nesse momento, as tropas saíram de trás das colinas e atacaram as legiões. (GOLDSWORTHY, 2001)

Figura 5- Batalha do Lago Trasimeno



Fonte: GOLDSWORTHY (2016)

Atacadas por todas as direções e pressionadas em direção ao lago, as tropas romanas não tiveram nenhuma chance de vitória. A batalha durou cerca de três horas, até que todas as forças romanas fossem destruídas. Cerca de 15 mil romanos foram mortos (incluindo Flaminius), tanto no local quanto nas perseguições aos sobreviventes, e 10 mil conseguiram escapar, porém de forma dispersa, sem que pudessem se reunir para continuar a lutar. A vanguarda romana, com cerca de 6 mil homens, conseguiu abrir caminho à frente, se refugiando em uma vila próxima, mas se renderam com a posterior aproximação de Aníbal. O total de capturados chegou a 15 mil romanos. Os cartagineses sofreram entre 1,5 e 2,5 mil baixas, na maioria gauleses. (TAYLOR, 2017)

A destruição de um exército completo causou pânico em Roma, que escolheu eleger um ditador para solucionar a crise. Já Aníbal conseguiu uma grande quantidade de equipamentos, suficiente para equipar suas tropas líbias com armaduras, escudos e armamentos romanos, além da destruição de um exército inimigo completo sofrendo perdas mínimas. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.2.1 Análise

Aníbal usou o princípio da Ofensiva ao passar diretamente pelas tropas de Flaminius, pois tomou a iniciativa das ações e forçou a resposta do inimigo, que precisou perseguir o exército cartaginês para tentar impedir a destruição dos campos da Itália. Em seguida, planejou uma armadilha para as tropas romanas, usando mais uma vez o princípio da Surpresa. Já na noite anterior à batalha, o comandante cartaginês utilizou o princípio da Manobra, posicionando seus soldados em locais ideais para que os romanos estivessem em posição de desvantagem e não tivessem por onde escapar da emboscada.

Flaminius, por sua vez, negligenciou o princípio da Segurança, pois marchou com seu exército por uma estrada cercada por um terreno compartimentado, ideal para uma emboscada. Além disso, não enviou qualquer tipo de reconhecimento à frente de sua vanguarda, sendo surpreendido pelo ataque vindo de todos os lados. Após o início da luta, já não havia nada mais a ser feito além de assistir ao massacre, pois não havia resposta possível.

6.3 CANAS

A Batalha de Canas ocorreu no dia 2 de agosto de 216 a.C., nas proximidades da cidade de Canas, hoje região da Apúlia, envolvendo o exército cartaginês liderado por Aníbal e os exércitos combinados dos cônsules Caius Terentius Varro e Lucius Aemilius Paullus. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após a ditadura de Fabius, na qual os romanos recuperaram-se da perda do exército de Flaminius ao empregarem a estratégia fabiana, o Senado romano recrutou o dobro do número de legiões normalmente convocadas, para que pudessem enfrentar Aníbal e expulsá-lo da Itália. Desse modo, cada cônsul comandaria quatro legiões (mais os aliados, em mesmo número das legiões). Além disso, o número de soldados em cada legião também foi aumentado, fazendo com que o exército romano daquele ano fosse o mais numeroso da história de Roma até aquela data. (TAYLOR, 2017)

No início da campanha de 216 a.C., Aníbal marchou para o sul, acompanhado de perto por uma pequena força romana, até as proximidades da cidade de Canas, tomando a cidade antes utilizada como depósito de suprimento dos romanos. Os exércitos de Varro e Paullus chegaram à região na última semana de julho, combinando suas forças e acampando a 10 km de Aníbal. Com os exércitos unidos, os cônsules revezavam-se para comandar o exército, se alternando a cada dia no comando. (GOLDSWORTHY, 2001)

No dia do comando de Varro, este comandou o exército para avançar e chegar mais próximo do adversário. A coluna de marcha foi atacada pela cavalaria de Aníbal, causando confusão e uma escaramuça que durou até a noite. No dia seguinte, Paullus continuou o avanço, vindo a acampar a poucos quilômetros dos cartagineses. A partir desse ponto não havia mais como nenhum dos exércitos retrain, pois uma retirada estando tão próximo ao inimigo deixaria as tropas vulneráveis a ataques. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os dois exércitos tinham problemas de suprimento. Aníbal não tinha bases próximas, e tirava o alimento de sua tropa das plantações por onde passava. Já os romanos tinham homens demais para uma logística eficiente. Assim, nenhum dos lados tinha a intenção de protelar a batalha. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após alguns dias de escaramuça, Aníbal mudou seu acampamento para um local mais próximo dos romanos, cruzando o rio Aufidius. Em 1º de agosto os cartagineses formaram sua linha de batalha, mas Paullus, comandante do dia, se recusou a formar seu exército para a luta, de modo que não houve batalha. No dia seguinte, foi Varro, agora comandante, quem tomou a iniciativa de formar suas tropas, colocando-as do outro lado do rio. Aníbal respondeu prontamente, preparando suas forças para enfrentar o inimigo. (GOLDSWORTHY, 2001)

O terreno do local era plano, mas compartimentado, com o rio Aufidius em um dos lados e, do outro, as colinas altas ao redor de Canas. O rio e as elevações foram usados pelos dois exércitos para apoiar os flancos das tropas, dispostas na estreita planície entre esses acidentes naturais. (GOLDSWORTHY, 2001)

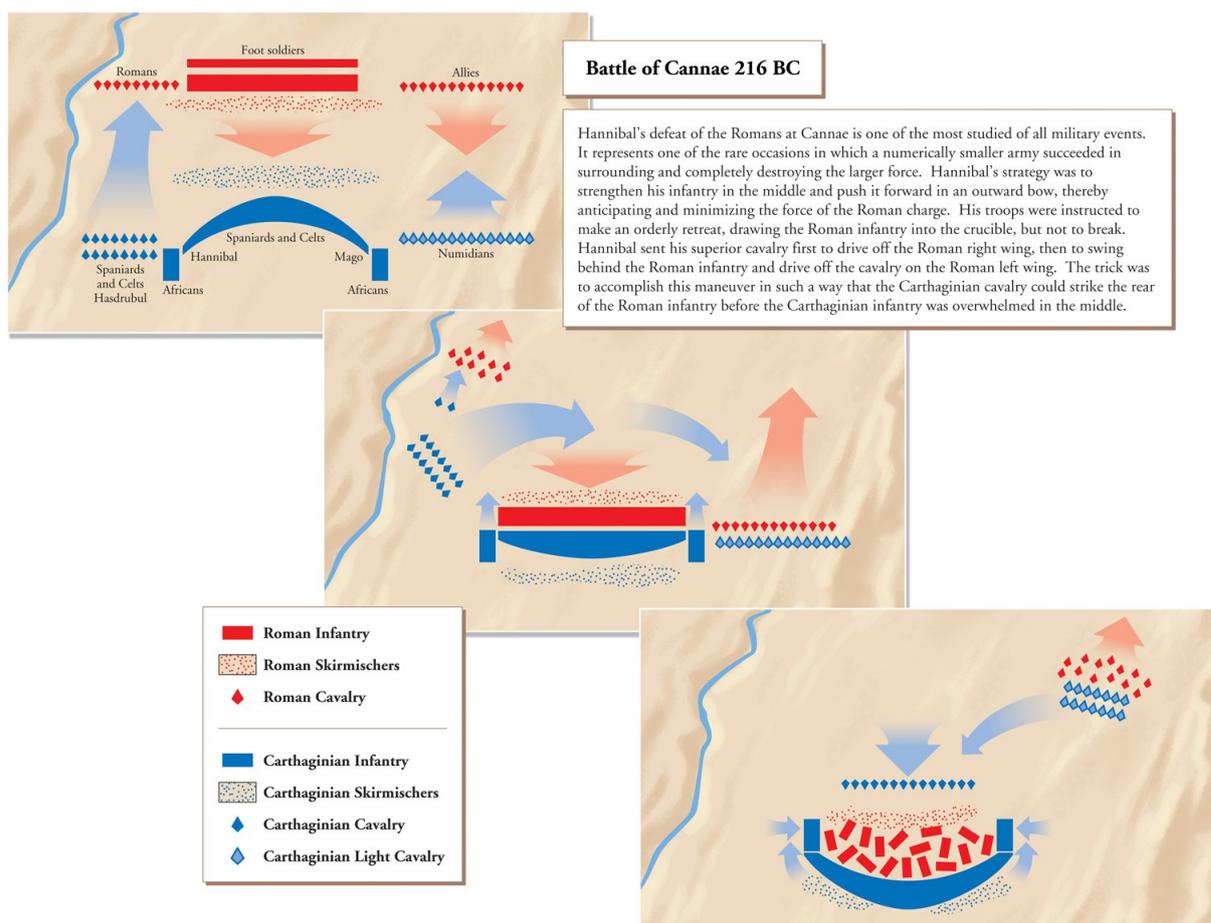
Os romanos adotaram sua disposição usual com três linhas, porém com os manípulos em uma formação mais profunda do que o que era comum, já que os poucos quilômetros de planície não permitiriam ao grande exército adotar sua linha de frente com todas as unidades. Os vélites iam a frente, a cavalaria romana no flanco direito (próximo ao rio) e a cavalaria latina aliada no flanco esquerdo (próximo às colinas). A infantaria pesada somava 55 mil homens, os vélites 15 mil, e a cavalaria 6 mil (2,4 mil romanos, 3,6 mil latinos). Boa parte dos soldados era inexperiente, pois foram recrutados poucos meses antes. (TAYLOR, 2017)

Aníbal adotou uma formação pouco usual, em um formato convexo, com o centro de sua linha avançado e os flancos mais recuados. O centro era composto por grupos alternados de gauleses e iberos, com os líbios divididos igualmente nos flancos e provavelmente atrás da linha de gauleses, escondidos das vistas dos romanos. A infantaria leve ia à frente, a cavalaria leve núpida no flanco direito (em frente a cavalaria latina dos romanos), e a cavalaria pesada gaulesa e ibera no flanco direito. A infantaria pesada tinha 32 mil homens (20 mil gauleses, 8 mil líbios e 4 mil iberos) a infantaria leve tinha 8 mil e a cavalaria, 10 mil (os núpidas teriam

o mesmo número de cavaleiros dos latinos, o que deixava a cavalaria pesada de Aníbal com grande vantagem sobre a romana). Os soldados líbios eram os mais experientes, capazes de realizar manobras complexas. Já os outros não tinham disciplina suficiente para isso. (TAYLOR, 2017)

O plano romano era utilizar sua superioridade em infantaria para derrotar os infantes inimigos, empregando para isso um ataque frontal. Os infantes romanos conseguiram romper a linha inimiga na Batalha do Trébia, o que inspirou o plano. Já os cartagineses planejavam empregar a própria força e quantidade dos romanos contra eles mesmos, através de ataques nos flancos e da superioridade em cavalaria, esta potencializada pelo terreno plano, embora estreito. (GOLDSWORTHY, 2001)

Figura 6- Batalha de Canas



Fonte: WILLIAMSON (2016)

Após as tropas leves atirarem seus dardos e pedras sem que nenhum dos lados tivesse vantagem, a infantaria romana avançou. Antes do contato entre as linhas, entretanto, a cavalaria pesada cartaginesa atacou a cavalaria romana. Esta, em inferioridade numérica e

técnica, não ofereceu muita resistência, sendo derrotada em pouco tempo. Sem ter para onde fugir por causa do rio, a maioria dos cavaleiros romanos foram mortos. (TAYLOR, 2017)

O combate de infantaria seguiu no padrão da época, com vantagem para os romanos, que foram gradualmente empurrando o centro da linha inimiga para a retaguarda. Diferente do que dizia o estereótipo do guerreiro gaulês, nessa batalha a infantaria gaulesa resistiu por muito tempo, e mesmo em desvantagem não perdeu a moral a ponto de fugir rapidamente. Os romanos continuaram avançando, e o que era uma formação convexa por parte dos cartagineses tornou-se côncava, pois o centro romano avançava mais rápido do que as alas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os legionários perderam a formação em manípulos após algum tempo, pois os intervalos entre as unidades desapareceram com o ímpeto do avanço. Dessa forma, a infantaria romana se tornou uma única massa de homens. Essa massa continuou avançando, e após um longo tempo finalmente conseguiu romper as linhas de gauleses e iberos. Nesse ponto, os romanos avançaram pela abertura, infligindo muitas baixas. Aníbal ordenou então que a infantaria líbia, posicionada nos flancos, manobrasse e atacasse os romanos pelos lados. Desorganizados, os romanos não conseguiram formar linhas coerentes para enfrentar a nova ameaça. O avanço romano cessou, com a massa romana comprimida entre as colunas líbias. Os gauleses, vendo os romanos em dificuldades, voltaram à luta, cercando-os pela frente. (GOLDSWORTHY, 2001)

Enquanto isso, a cavalaria pesada cartaginesa contornava as linhas por trás, para ajudar os númidas a derrotar a cavalaria latina. Esta, quando viu a aproximação da grande quantidade de cavaleiros inimigos pela retaguarda, fugiu sem lutar, antes que fosse cercada. A cavalaria cartaginesa então realizou uma carga na retaguarda da infantaria romana, fechando a última rota de fuga. A medida que os cartagineses avançavam, os romanos ficavam cada vez mais comprimidos, dificultando até mesmo o manejo das armas. (TAYLOR, 2017)

A partir desse ponto a batalha se transformou em um massacre, com os cartagineses ainda demorando algumas horas até conseguir abater todas as tropas cercadas. As baixas romanas foram de 45 mil na infantaria e 2,7 mil na infantaria. No dia seguinte, 17 mil fugitivos ainda se renderam no acampamento romano, ficando prisioneiros de Aníbal. As baixas cartaginesas foram de 4 mil gauleses, 1,5 mil iberos e líbios, além de 200 cavaleiros, números considerados altos para um exército vencedor na época. (GOLDSWORTHY, 2001)

Com a vitória, Aníbal conseguiu que várias regiões do sul da Itália desertassem do lado dos romanos e passassem a apoiá-lo, conseguindo valiosos aliados, fontes de tropas e de recursos. Não prosseguiu para Roma, entretanto, pois não conseguiria tomar a cidade. Os

romanos por sua vez se recusaram a se render, mostrando sua resiliência mesmo após a maior derrota de sua história. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.3.1 Análise

O princípio da Manobra foi o mais destacado daqueles utilizados por Aníbal nessa batalha, por conseguir cercar completamente o exército romano através do movimento das tropas, o que acabou por deixar os romanos em posição de desvantagem irreversível, tão comprimidos entre seus pares que mal conseguiam manejar suas armas para se defender. Aníbal também se valeu do princípio da Economia de Forças, pois conseguiu utilizar o menor número de tropas possíveis no centro (sua ação secundária), enquanto seus melhores homens envolviam o adversário pelos lados e retaguarda. O princípio da Massa foi usado pelo comandante cartaginês na disposição de sua cavalaria, com um dos lados muito mais forte que o outro, para conseguir eliminar a cavalaria romana por partes.

Já os romanos pecaram primeiramente pela falta de utilização do princípio Unidade de Comando, porque os cônsules se revezavam no comando após cada dia, o que tornava os movimentos do exército romano inconsistentes, já que dependendo do comandante o comportamento de todo o exército mudava. No dia da batalha, Varro buscou utilizar o princípio da Massa ao tentar romper a formação inimiga através de um ataque frontal com sua grande quantidade de infantes. Porém, o ímpeto do ataque não foi suficiente, e a grande quantidade de soldados empregados desorganizou as formações, impossibilitando o emprego do princípio da Manobra para enfrentar as ameaças vindas de todos os lados. O princípio da Segurança também foi negligenciado por Varro, pois com tamanha superioridade numérica seria possível deixar um número maior de tropas desengajadas na reserva, prontos para quebrar o cerco cartaginês ou enfrentar qualquer outra situação imprevista.

6.4 NOVA CARTAGO

A tomada de Nova Cartago aconteceu no ano de 209 a.C., no sul da Península Ibérica, onde se localizava a cidade, capital cartaginesa na região. As tropas romanas atacantes eram comandadas por Publius Cornelius Scipio, posteriormente Scipio Africanus devido às suas vitórias contra Cartago. (GOLDSWORTHY, 2001)

Chegando à Península Ibérica em 210 a.C. após a morte de seu pai e de seu tio em batalhas na região, Scipio planejou tomar a cidade de Nova Cartago, pois os três exércitos

cartagineses na região estavam dispersos pela península. Para isso, passou o inverno coletando informações sobre a localidade com os pescadores e comerciantes locais (GOLDSWORTHY, 2001)

Nova Cartago era uma cidade fortificada, protegida pelo mar na parte sul e por uma lagoa na parte norte, com uma única entrada principal. Através de seus informantes, Scipio descobriu que era possível atravessar a lagoa a pé em determinados pontos e horários, devido à maré (a lagoa foi construída para proteger a cidade, com um canal ligando-a ao mar) e aos ventos. Descobriu também que a guarnição da cidade era pequena. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após minuciosa preparação, Scipio partiu de sua base em Tarraco no início da primavera de 209 a.C, mantendo seu destino em segredo. Chegou à Nova Cartago em 7 dias, e apenas lá revelou ao seu exército suas intenções. Para incentivar seus homens, prometeu recompensas para aqueles que se destacassem na luta, e contou que a estratégia que empregaria lhe foi revelada pelo deus Netuno em um sonho. Suas forças consistiam em 25 mil homens na infantaria e 2,5 mil cavaleiros, além de uma frota de navios de guerra que seguiam pelo litoral. (GOLDSWORTHY, 2001)

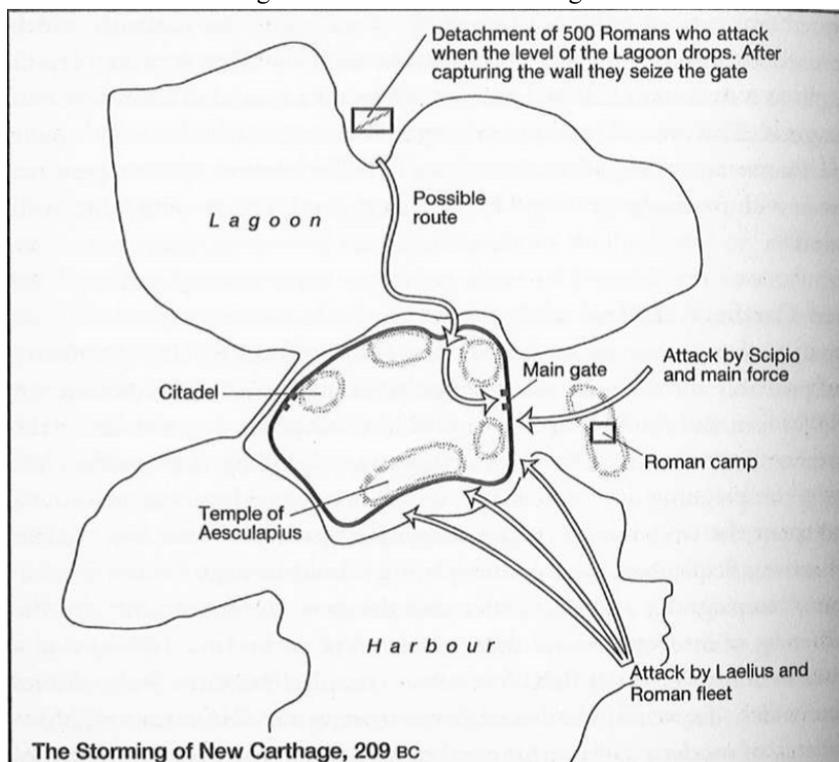
A guarnição cartaginesa consistia em 1 mil mercenários e 2 mil cidadãos organizados em uma milícia. Eram comandados por Mago (não o mesmo que comandava um dos três exércitos púnicos na região). Os cidadãos foram posicionados atrás da entrada principal, enquanto os mercenários foram divididos, com parte na cidadela e parte na colina do templo de Esculápio (deus da medicina), próximo à costa. (GOLDSWORTHY, 2001)

Scipio não poderia cercar a cidade até sua rendição, pois os exércitos inimigos estavam há cerca de dez dias de marcha. A única opção que tinha, portanto, era a de um assalto à fortificação. Sem perder tempo, lançou um ataque na manhã seguinte à sua chegada, que foi logo respondido pela guarnição da cidade, a qual saiu pelos portões para combater do lado de fora. Após algum tempo, os legionários conseguiram repelir esse contra-ataque, e depois de os defensores fugirem para dentro novamente, tentaram escalar as muralhas através de escadas de cerco, em um ataque frontal, ao mesmo tempo em que a marinha atacava. Esse ataque não teve sucesso, e ao final do dia Scipio comandou que suas tropas retornassem. (GOLDSWORTHY, 2001)

No dia seguinte, Scipio atacou novamente, o que chocou os defensores, pois era comum que os atacantes esperassem alguns dias para renovar os esforços após uma tentativa de assalto fracassada. Os defensores estavam confiantes, pois conseguiram repelir o ataque sem receber tantas baixas. Nesse novo ataque, o esforço principal dos romanos foi novamente a entrada principal da cidade. Dessa vez, entretanto, Scipio enviou 500 homens para o norte

da fortificação, para que atacassem pela lagoa durante a tarde, quando o nível da água abaixava. (GOLDSWORTHY, 2001)

Figura 7- Assalto à Nova Cartago



Fonte: GOLDSWORTHY (2016)

Os defensores conseguiram, com dificuldade, repelir novamente o ataque frontal. Enquanto isso, o grupo designado atravessou a lagoa e escalou as muralhas sem resistência, pois Mago, pensando em ser o ataque frontal a única ameaça (como fora no dia anterior), mobilizou todas as suas reservas para a entrada principal. Os legionários desse ataque, vendo seus companheiros atravessando a lagoa ao longe, sentiram-se estimulados a redobrar seus esforços, pois a impressão era a de que o deus Netuno realmente estava ajudando no ataque, conforme Scipio prometera. (GOLDSWORTHY, 2001)

O grupo que atravessou a lagoa conseguiu chegar aos portões pelo lado de dentro e os abriu, permitindo que todo o exército entrasse, enquanto os defensores nas muralhas fugiam e eram finalmente derrotados. Scipio foi com mil homens até a cidadela, onde Mago se rendeu com pouca resistência. Iniciou-se então o saque a cidade, no qual as tropas tiveram permissão para matar qualquer um que estivesse nas ruas, além de apreenderem tudo que tivesse valor na cidade. (GOLDSWORTHY, 2001)

A vitória de Scipio possibilitou aos romanos o acesso aos tesouros e equipamentos da cidade. Além disso, Scipio libertou diversos prisioneiros espanhóis que estavam na cidade, enviando-os de volta para suas famílias, a fim de conseguir a boa vontade e o apoio das tribos da região. Cartago, por sua vez, perdeu sua base mais importante na Península Ibérica. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.4.1 Análise

Scipio utilizou o princípio da Surpresa em dois momentos: o primeiro ao decidir pela linha de ação de atacar a capital cartaginesa na Península Ibérica, algo improvável por tratar-se de uma localidade fortificada, além de haver exércitos cartagineses prontos para reagir a qualquer ameaça em poucos dias. O segundo momento foi quando enviou suas tropas atravessarem o lago ao norte da cidade, as quais conseguiram entrar sem resistência. Também foi usado o princípio da Manobra, pois o ataque frontal ao longo dos dois primeiros dias serviu a um propósito maior, atrair as reservas e abrir caminho para que as tropas no lago pudessem abrir os portões sem encontrar resistência.

Scipio valeu-se do princípio da Moral ao prometer recompensas àqueles que se destacassem no confronto. Além disso, o toque de dizer aos seus homens que seriam ajudados por Netuno, seguido da travessia do lago (a qual, vista de longe, poderia parecer que os soldados andavam sobre as águas), conseguiu fazer com que as tropas realmente acreditassem que os deuses estavam a seu favor, aumentando ainda mais a Moral dos legionários e, conseqüentemente, o ímpeto do ataque.

6.5 ÍLIPA

A Batalha de Ílipa aconteceu no ano de 206 a.C., próximo a onde hoje se localiza a cidade de Sevilha, na Península Ibérica. O exército romano, liderado por Publius Cornelius Scipio, enfrentou o exército cartaginês, comandado por Asdrúbal Gisco. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em 206 a.C., os cartagineses resolveram reunir um grande exército para tentar expulsar Scipio da Península Ibérica, e finalmente eliminar a presença romana na região. Assim, entre 50 e 70 mil infantess (as fontes da época divergem quanto ao efetivo), 4 mil cavaleiros e trinta e dois elefantes de guerra foram colocados em uma única força, sob o comando de Gisco, e marcharam até as proximidades da cidade de Ílipa, onde montaram

acampamento em um terreno alto com uma planície à frente. Scipio tinha apenas 45 mil homens e 3 mil cavaleiros, mas estava ansioso por uma ação decisiva, então levou suas tropas para confrontar o inimigo. (GOLDSWORTHY, 2001)

Assim que chegaram até o local onde acampariam, os romanos foram atacados pela cavalaria cartaginesa, liderada por Mago. O comandante romano, porém, mostrando sua detalhada preparação, havia escondido uma unidade de equites atrás de uma colina. Os cavaleiros romanos contra-atacaram antes que os púnicos conseguissem infligir danos às tropas montando o acampamento. Mago precisou retrair, sofrendo várias baixas no processo. (TAYLOR, 2017)

Durante os dias seguintes estabeleceu-se uma rotina, na qual os cartagineses formavam sua linha de batalha todos os dias, ao que os romanos respondiam formando a sua própria. Nenhuma delas, porém, avançava em direção à outra, mantendo-se próximas aos acampamentos, e retraindo depois de algumas horas, com escaramuças eventuais entre as tropas leves. (TAYLOR, 2017)

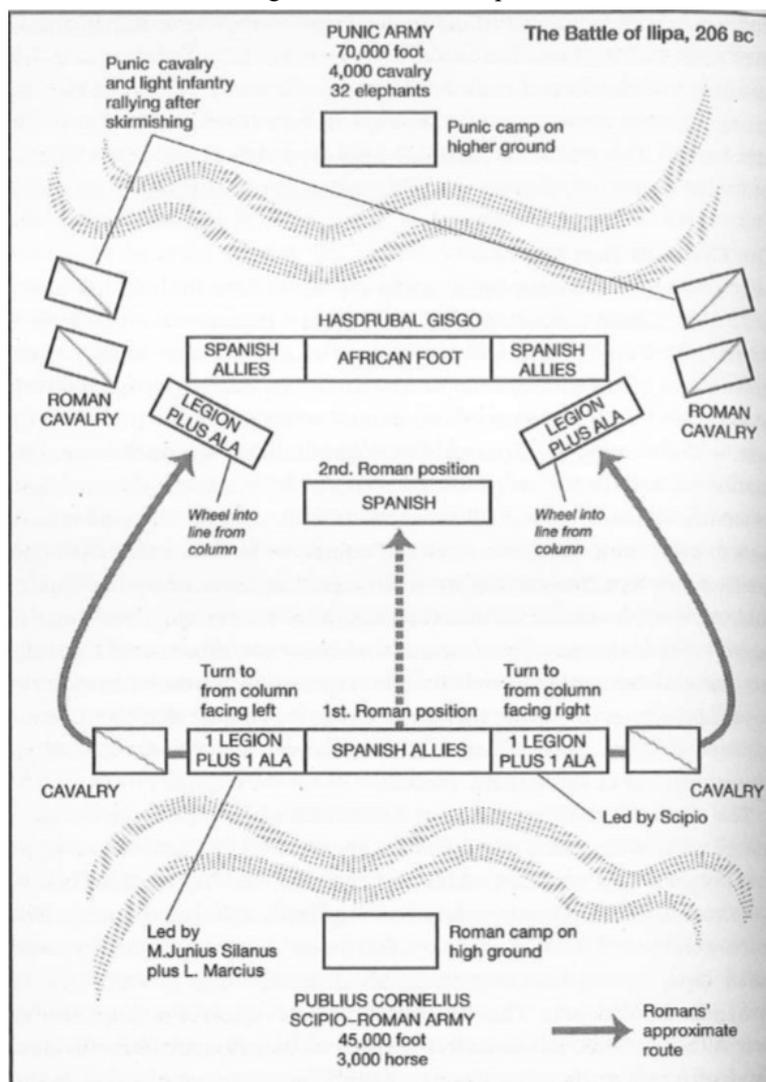
O exército cartaginês eram composto por tropas de infantaria líbia e iberica, além da cavalaria (númida leve e iberica pesada) e dos 32 elefantes. A formação em que entravam todos os dias tinha os líbios (infantaria de maior qualidade) no centro e os iberos nos flancos, com a cavalaria nas laterais. O exército de Scipio era formado pela infantaria romana e dos aliados italianos, além de tropas ibericas das tribos aliadas a Roma, recrutados localmente nas campanhas dos anos anteriores. Havia também os vélites e a cavalaria romana e aliada. A formação adotada tinha os romanos e italianos no centro, e os iberos nos flancos. (GOLDSWORTHY, 2001)

Em certo dia, Scipio reuniu seus oficiais e deu ordens para que as tropas estivessem alimentadas e prontas para a batalha logo ao amanhecer alterou também a disposição das tropas, dando ordens para que os iberos se posicionassem no centro e os romanos nos flancos. Nas primeiras horas da manhã do dia seguinte, enviou a cavalaria e os vélites para acossar o acampamento inimigo, enquanto as outras tropas adotaram a nova formação. Gisgo então mandou que seus soldados entrassem rapidamente em formação, sem que pudessem se alimentar, para enfrentar a ameaça. (TAYLOR, 2017)

Gisgo percebeu a mudança na formação romana somente quando suas tropas já estavam nas posições de sempre, sem que houvesse tempo para alterar a formação. As tropas leves envolveram-se então em uma longa troca de projéteis, e após algumas horas, Scipio ordenou o avanço romano. Nesse ponto, a infantaria romana, em ambos os flancos, realizou uma manobra ao avançar em colunas em direção aos inimigos das alas, retomando a formação

em três linhas somente quando muito próximo dos cartagineses. Enquanto isso, os iberos no centro avançaram muito mais lentamente. Gisgo não tentou impedir essa manobra, pois além da surpresa provocada pela manobra inesperada, não poderia enviar suas tropas líbias para reforçar seus flancos, pois isso deixaria seu centro exposto às tropas espanholas de Scipio. (GOLDSWORTHY, 2001)

Figura 8- Batalha de Ílipa



Fonte: GOLDSWORTHY (2016)

A infantaria romana atacou então com grande ímpeto os iberos dos flancos cartagineses. No centro, os líbios permaneciam inativos, e demorou algum tempo ainda até que os iberos do lado dos romanos entrassem em combate com eles. Aos poucos as tropas cartaginesas foram esmorecendo, empurradas para trás. Finalmente, a grande pressão sobre os flancos de Gisgo fez com que primeiro as tropas das alas, depois todo o exército, fugisse do

campo de batalha em direção ao acampamento. A vitória romana só não foi completa pois uma tempestade repentina impediu que as tropas de Scipio invadissem o acampamento inimigo. (TAYLOR, 2017)

No dia seguinte, as tropas espanholas de Gisgo desertaram, e o restante iniciou uma marcha de retirada, na qual foram perseguidos pelos romanos. Não há dados sobre baixas, mas o exército cartaginês foi destruído como força de combate, com os sobreviventes se dispersando. (GOLDSWORTHY, 2001)

Com a vitória, Scipio conseguiu destruir as últimas forças cartaginesas na Península Ibérica que apresentavam alguma ameaça, o que levou em pouco tempo à expulsão completa dos cartagineses da região. Gisgo fugiu para o norte da África a bordo de navios, e Cartago nunca mais voltou a ter territórios ou exércitos presentes na península. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.5.1 Análise

Scipio foi bem-sucedido ao empregar o princípio da Segurança logo que chegou à área em que acamparia, ao esconder uma unidade de cavalaria atrás das colinas para contra-atacar uma possível ação cartaginesa, o que realmente acabou acontecendo. Em seguida, usou o princípio da Surpresa ao alterar a disposição das tropas no dia da batalha, invertendo as posições das forças romanas e iberas. Colocando seus melhores soldados nos flancos, utilizou o princípio da Massa, já que concentrou a maior parte de seu poder de combate no local decisivo, o que acabou por romper o dispositivo inimigo. Por fim, Scipio usou o princípio da Manobra, fazendo com que os romanos nos flancos chegassem nas tropas inimigas antes do centro (que era mais fraco), envolvendo parte da linha inimiga. O centro cartaginês, por sua vez, ficou imobilizado pela mera presença do centro romano, que mesmo sem lutar impediu essa parte da linha inimiga de ajudar as tropas que eram derrotadas nos flancos.

Por parte de Gisgo, o principal princípio negligenciado foi o da Prontidão, pois não estava preparado para uma mudança no dispositivo romano, não sabendo como reagir e, portanto, não conseguiu realizar nenhuma ação que viesse a dificultar os movimentos das forças de Scipio. Também não utilizou o princípio da Ofensiva, pois deixou que todas as iniciativas para a luta no dia da batalha fossem tomadas pelo comandante romano, sem esboçar nenhum tipo de reação, tanto no centro quanto nos flancos.

6.6 METAURO

A Batalha do Metauro aconteceu no dia 22 de junho de 207 a.C., próximo a costa leste da Península Itálica, entre os exércitos do cartaginês Asdrúbal Barca e os romanos comandados pelo cônsul Marcus Livius Salinator. (GOLDSWORTHY, 2001)

Após ser derrotado na Península Ibérica, Asdrúbal se deslocou para a Itália para se juntar a seu irmão, Aníbal, e aumentar a pressão sobre a terra natal romana. Quando chegou ao vale do Pó, enviou mensageiros a Aníbal para coordenar o ponto de encontro entre seus exércitos, na Úmbria. As mensagens, porém, foram interceptadas por soldados romanos, que as enviaram ao Senado. Rapidamente, foram enviados à região os exércitos de Salinator e do pretor Licinius, que vinha atrasando a marcha de Asdrúbal com seu pequeno destacamento. Os exércitos inimigos se encontraram próximo a Sena Galica. (TAYLOR, 2017)

O outro cônsul, Caius Claudius Nero, estava centenas de quilômetros ao sul, bloqueando o exército de Aníbal com o seu próprio. Ao receber as notícias da presença de Asdrúbal, se dirigiu para o norte com 6 mil infantess e mil cavaleiros para reforçar seu colega, assumindo o risco de Aníbal perceber que suas tropas estavam desfalcadas e atacasse. Nero chegou ao acampamento de Salinator durante a noite, sem que os cartagineses percebessem. (TAYLOR, 2017)

Logo no dia seguinte, Nero convenceu o outro cônsul a travar batalha rapidamente, para se aproveitar da surpresa. Logo que as linhas se formaram, Asdrúbal percebeu um aumento no número de soldados inimigos, e se recusou a abandonar o terreno alto para lutar. Os romanos também não forçaram a batalha para não atacar em terreno muito desfavorável. Durante a noite, os cartagineses se retiraram em direção ao rio Metauro, e seguiram o curso do rio para procurar um ponto de travessia. Os romanos iniciaram a perseguição logo que perceberam o movimento inimigo. (TAYLOR, 2017)

O exército de Asdrúbal foi alcançado enquanto montava o acampamento em uma colina ao lado do Metauro. As tropas romanas saíram diretamente da coluna de marcha para a linha de batalha, e os cartagineses pararam de trabalhar na construção para formar suas linhas. (GOLDSWORTHY, 2001)

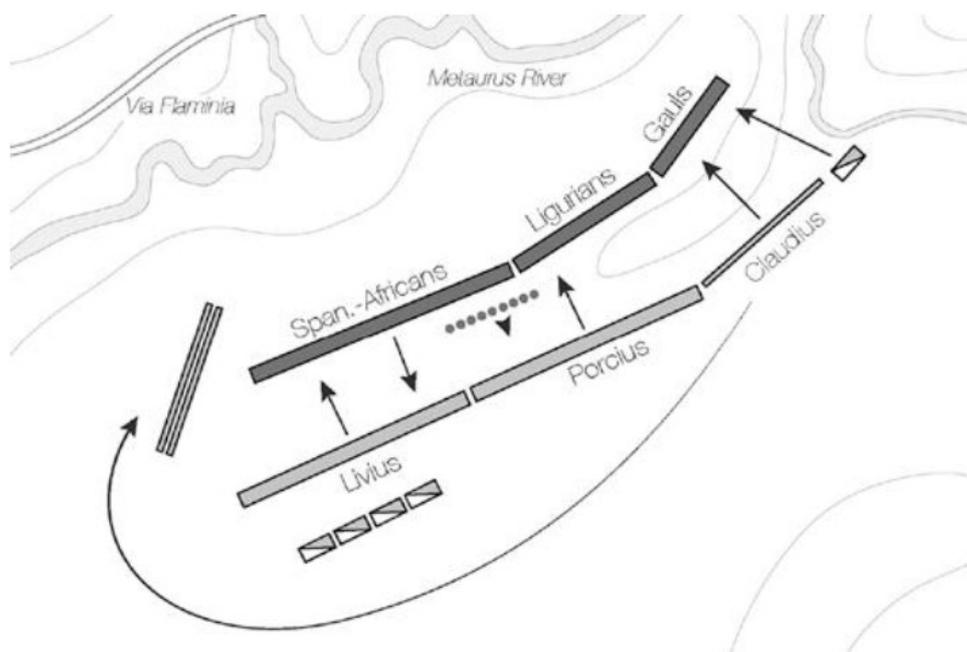
As tropas cartaginesas eram compostas por soldados iberos e líbios, experientes desde as campanhas na Península Ibérica, e por gauleses recém-recrutados. Havia também 10 elefantes de guerra, e embora não tenha sido citado pelos historiadores da época, certamente havia um corpo de cavalaria. Os iberos e líbios foram posicionados no lado direito. Já os

gauleses, no lado esquerdo, no alto de um terreno muito favorável para a defesa. Os elefantes estavam à frente do centro cartaginês. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os romanos adotaram sua formação comum em três linhas, com as tropas de Licinus no centro, Salinator na esquerda e Nero na direita. O efetivo exato de ambos os exércitos é desconhecido, porém os romanos tinham uma grande superioridade numérica. (GOLDSWORTHY, 2001)

A batalha começou com um ataque de Asdrúbal com seu lado direito, suas melhores tropas, contra o lado esquerdo romano. Os elefantes avançaram e desordenaram os hastários romanos, mas em seguida entraram em pânico, atacando soldados de ambos os lados. Do outro lado do campo de batalha, Nero não conseguiu atacar os gauleses devido ao terreno. (TAYLOR, 2017)

Figura 9 – Batalha do Metauro



Fonte: TAYLOR (2017)

A batalha no flanco esquerdo romano seguiu indefinida por algum tempo. Nero, sem conseguir progresso contra as tropas gaulesas, tomou então a decisão de retirar a maior parte de seus soldados da linha, marchou com eles por trás das linhas romanas e atacou a linha cartaginesa pelo flanco oposto. Esse ataque desequilibrou a luta em favor dos romanos. Em pouco tempo, as linhas cartaginesas entraram em colapso, e todo o exército fugiu. Os romanos conseguiram tomar o acampamento inimigo, onde encontraram alguns gauleses embriagados, mostrando a pouca disciplina dessas unidades. Asdrúbal morreu na batalha, assim como 10

mil de seus soldados. 6 elefantes foram mortos, e os outros capturados pelos romanos, que sofreram 2 mil baixas. (TAYLOR, 2017)

A batalha do Metauro é considerada por alguns historiadores como a mais importante da guerra, pois definiu que Aníbal não recuperaria a iniciativa ao receber reforços. Do lado dos romanos, o objetivo de manter o principal general cartaginês isolado foi atingido, e permitiu que fossem enviadas tropas para outras regiões, como a África e a Península Ibérica. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.6.1 Análise

Nero utilizou o princípio da Manobra ao dirigir a maior parte de suas tropas por trás das próprias linhas, com o objetivo de atacar o flanco oposto dos cartagineses. O ataque em si caracteriza o princípio da Massa, pois através dele foi aplicada uma pressão irresistível na lateral do exército cartaginês, que após pouco tempo provocou sua fuga.

Asdrúbal negligenciou o princípio da Segurança, pois não tomou os cuidados necessários para impedir que sua mensagem fosse interceptada, nem tentou codificar a mensagem. Esse fato fez com que seu exército não tivesse como se encontrar com o de Aníbal, sendo obrigado a enfrentar uma batalha em grande desvantagem numérica.

6.7 ZAMA

A batalha de Zama aconteceu no norte da África, próximo à Túnis, no ano de 202 a.C., entre o exército romano, comandado por Publius Cornelius Scipio, e o exército cartaginês, comandado por Aníbal Barca. (GOLDSWORTHY, 2001)

Com o retorno de Aníbal para a África, os cartagineses sentiram-se confiantes a ponto de quebrar o armistício acertado meses antes com os romanos. Assim, depois de um incidente relacionado a suprimentos romanos extraviados e coletados por cartagineses, o Conselho de Cartago se recusou a devolvê-los, reiniciando o conflito. (GOLDSWORTHY, 2001)

Scipio, que havia conseguido as vitórias que levaram ao tratado agora quebrado, reiniciou então as operações, capturando cidades africanas e escravizando os habitantes. Isso levou a pedidos por parte dos senadores cartagineses para que Aníbal apressasse seus preparativos, o que o general recusou-se a fazer, pois seu exército estava fraco em cavalaria, deixada na Itália. Conseguiu um corpo de cavaleiros de um príncipe númida, em um total de 2 mil homens. Scipio também aguardava um reforço na cavalaria, pois seu aliado, Masinissa,

estava por chegar após conseguir se tornar rei de um dos principais reinos nômadas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Por fim, Aníbal decidiu ir enfrentar Scipio, que estava próximo a Zama, a cinco dias de marcha de Cartago. O exército romano já estava acampado no local, próximo a uma fonte de água, enquanto Aníbal foi obrigado a escolher um ponto distante de qualquer fonte desse recurso. O general cartaginês enviou espiões para descobrir quais eram as forças de Scipio. Estes foram capturados, porém o comandante romano os reuniu, mostrou a eles todas as suas tropas, e em seguida os enviou de volta a Aníbal. Esse ato tinha a intenção de mostrar confiança e, mais importante, convencer seu adversário de que estava fraco em cavalaria, pois Masinissa chegaria apenas no dia seguinte com 4 mil cavaleiros nômadas, além de 6 mil infantas. (GOLDSWORTHY, 2001)

Um dia depois da chegada de Aníbal, os dois generais se encontraram para uma conversa, cujo conteúdo é desconhecido. Ambos estavam ansiosos por combater rapidamente, e por isso a batalha foi travada logo no dia seguinte a este.

Os romanos tinham aproximadamente 30 mil homens, divididos entre os hastários, príncipes e triários na infantaria pesada, além dos vélites e dos equites, respectivamente, como infantaria leve e cavalaria. Somados a estes estavam os alados das *alae* e os nômadas de Masinissa. (TAYLOR, 2017)

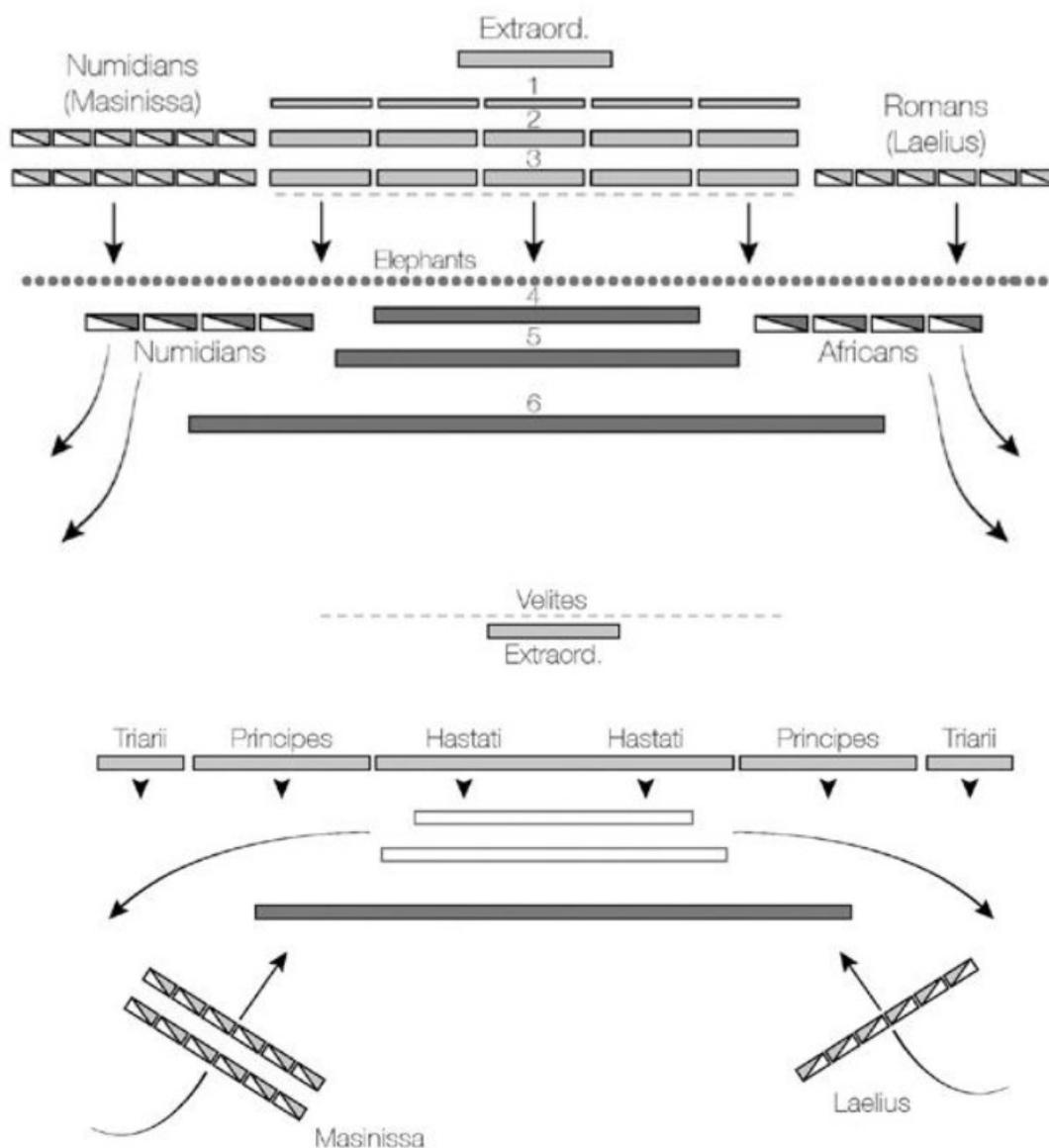
Os cartagineses tinham um exército ainda mais heterogêneo que o normal, composto de lígures, gauleses, nômadas, líbios, cidadãos cartagineses, além dos veteranos dos combates na Península Itálica, os quais eram das mais variadas etnias. Havia ainda 80 elefantes, cavalaria nômada e púnica. O efetivo exato de ambos os exércitos é desconhecido. Sabe-se que os romanos possuíam a vantagem na cavalaria, enquanto os cartagineses possuíam mais infantas, com os veteranos da Itália tendo tantos homens quanto toda a infantaria pesada romana. (TAYLOR, 2017)

A formação que Aníbal escolheu para a batalha tinha três linhas. Na primeira estavam os gauleses, lígures e alguns nômadas. Na segunda, os líbios e cidadãos cartagineses. Na terceira, os veteranos. A cavalaria vinha nos flancos, com os nômadas à esquerda e o restante à direita. Os elefantes foram posicionados à frente do exército. O plano de Aníbal era criar confusão nas fileiras romanas com os elefantes e atacar frontalmente com o restante das tropas, usando as três linhas para manter o ímpeto do ataque. (TAYLOR, 2017)

O exército romano foi posicionado nas três linhas costumeiras, com a cavalaria nômada no flanco direito e a cavalaria romana no esquerdo. Scipio, porém, realizou uma alteração nas disposições dos manípulos. Em vez de os grupos da segunda linha cobrirem os

intervalos da primeira, foram posicionados diretamente atrás, deixando corredores ocupados pelos vélites. Isso serviria para direcionar os elefantes, que passariam pelos corredores sem causar danos às tropas, sendo mortos separadamente na retaguarda. (TAYLOR, 2017)

Figura 10- Batalha de Zama



Fonte: TAYLOR (2017)

Após algumas horas de escaramuças, os exércitos começaram seus avanços. Porém, o habitual barulho do campo de batalha, com as trompetas soando, os soldados gritando e batendo com suas armas nos escudos para intimidar o inimigo, os elefantes (com pouco tempo de treinamento visto a pressa com a qual a campanha recomeçou) saíram de controle, com muitos deles indo em direção da própria cavalaria nômada. Massinissa viu a oportunidade e

atacou, fazendo com que a cavalaria adversária fugisse imediatamente. O restante dos elefantes foi em direção às tropas romanas, mas a tática de Scipio foi efetiva, com poucos animais causando dano às tropas. A maioria deles foi direcionada para a retaguarda pelos corredores de tropas, enquanto alguns retrocederam ao serem recebidos por dardos dos vélites e atacaram a própria cavalaria do outro lado. A cavalaria romana também se aproveitou disso, e assim Aníbal perdeu toda a sua cavalaria logo no início da batalha. (TAYLOR, 2017)

Enquanto a cavalaria de Scipio sumia de vista na perseguição dos inimigos, o combate de infantaria começava. Os hastários sofreram várias baixas, mas aos poucos seu treinamento superior sobressaiu, conseguindo avançar e finalmente romper a primeira linha cartaginesa. As linhas de Aníbal não cooperavam entre si, enquanto as dos romanos injetavam tropas descansadas na linha de frente quando necessário. A segunda linha cartaginesa impediu a fuga da primeira, bloqueando seu caminho por ordem de Aníbal. Os romanos continuaram a combater com ferocidade, e com dificuldade conseguiram romper também a segunda linha inimiga. (GOLDSWORTHY, 2001)

Os veteranos de Aníbal impediram a fuga dos elementos, das linhas anteriores, fazendo com que se reorganizassem nos flancos. O comandante púnico esperava que os romanos atacassem suas tropas descansadas, e pretendia se aproveitar do cansaço e da desorganização nas fileiras romanas devido aos combates com os outros elementos do exército púnico. Scipio, entretanto, comprovando o nível de disciplina de suas tropas, ordenou que os trompetes fossem soados para que as tropas retraíssem para se reorganizar, o que em meio a uma batalha era extremamente difícil. (GOLDSWORTHY, 2001)

Scipio reorganizou suas tropas, colocando-as em uma única linha, que entrou em combate com a linha remanescente de Aníbal. A luta prosseguiu equilibrada por algum tempo, até que a cavalaria romana retornou de sua perseguição, realizando uma carga na retaguarda púnica. Derrotado, Aníbal abandonou o campo de batalha, enquanto seu exército em fuga era massacrado. As baixas cartaginesas foram de 20 mil mortos e 20 mil capturados, enquanto os romanos perderam 1,5 mil soldados. (TAYLOR, 2017)

A Batalha de Zama marcou o fim da Segunda Guerra Púnica, com Aníbal convencendo os cartagineses a aceitar os termos ditados por Scipio, já que não havia mais como resistir às legiões. Scipio Africanus foi recebido em Roma como herói, por ter enfim derrotado o homem que por quase duas décadas assolou a Itália, e por ter posto fim à sangrenta guerra. (GOLDSWORTHY, 2001)

6.7.1 Análise

O princípio utilizado por Scipio que mais se destacou foi o da Prontidão, por alterar a disposição dos manípulos de forma a estar pronto para lidar com a carga de elefantes, a qual o comandante romano previu corretamente. A tática funcionou tão bem que os elefantes destruíam a própria cavalaria de Aníbal. Após a derrota das duas primeiras linhas inimigas, o comandante romano utilizou o princípio da Segurança ao ordenar que suas tropas retornassem para formar as linhas novamente, impedindo que entrassem em contato com os veteranos de Aníbal enquanto estivessem desorganizados. Ao utilizar o princípio da Manobra, conseguiu formar uma única linha para enfrentar a terceira linha cartaginesa, o suficiente para esperar o retorno de sua cavalaria, cuja carga encerrou a batalha e a guerra.

Não é possível dizer que Aníbal negligenciou o princípio da Segurança ao utilizar elefantes de guerra com pouco treinamento, pois essa era sua única possibilidade de vitória, visto que os romanos tinham a superioridade tanto na cavalaria quanto na infantaria. Assim, preferiu privilegiar os princípios da Ofensiva e da Exploração ao planejar seguir a carga de elefantes com o ataque da infantaria, porém sem resultado. Aníbal perdeu a batalha fazendo tudo o que podia, sem ter cometido erros durante o confronto, batido pela inferioridade de suas forças tanto quanto pelas táticas de Scipio.

7 CONCLUSÃO

As razões estratégicas para a vitória de Roma na Segunda Guerra Púnica são bastante conhecidas e bem exploradas por historiadores. Para Goldsworthy (2001) a recusa em iniciar negociações de paz mesmo após derrotas acachapantes, consequência da visão romana sobre a guerra (para os romanos, a guerra só poderia terminar com uma vitória ou sua própria destruição) foi fundamental para que a República conseguisse o sucesso após aprender com os erros de seus comandantes. Outro aspecto que esse historiador salienta é a qualidade superior das tropas romanas, principalmente na infantaria, mesmo antes do exército romano se tornar a força profissional que seria após as reformas de Mário.

Já para Parker (2001) a forma como os romanos alocaram seus recursos foi superior à dos cartagineses, os quais falharam em reforçar Aníbal na Itália, desperdiçando seus recursos (principalmente os recursos humanos, elemento que os romanos mais tinham a sua disposição) em áreas secundárias, com ataques infrutíferos na Sicília e Península Ibérica.

Mesmo com todas as vantagens estratégicas, Roma só poderia vencer a guerra caso conseguisse ter sucesso nas batalhas, caso contrário seus recursos superiores não valeriam de nada. É visível que no início da guerra os generais romanos não aplicavam grandes estratégias em suas batalhas, apenas usavam a fórmula que lhes garantiu sucesso ao longo das guerras na Península Itálica. Presland diz que após os sucessos iniciais de Aníbal, os romanos começaram a aprender com ele, inclusive com alguns generais tentando imitar suas táticas.

O principal dos comandantes romanos, ainda segundo Presland, foi Scipio, porque conseguiu aplicar de várias formas aquilo que havia estudado nas práticas de Aníbal, principalmente com seus planejamentos cuidadosos e detalhados. De certa forma, ele veio a se tornar um Aníbal romano, com a vantagem de contar com as legiões cada vez mais bem treinadas de Roma, enquanto o cartaginês via a qualidade de seu exército declinar após anos isolado na Itália.

Também se destaca, no que Goldsworthy concorda, que os outros comandantes de Cartago além de Aníbal não tinham sua genialidade, sendo muito mais fáceis de serem derrotados. Assim, foi possível para os romanos aplicar o que aprenderam com Aníbal em qualquer parte da guerra. Enquanto os cartagineses tinham um comandante genial, os romanos tinham vários generais competentes com bons homens e recursos, que podiam vencer em qualquer lugar em que Aníbal não estivesse.

Embora não existisse teoria sobre os princípios de guerra na época estudada, é por meio do seu estudo hoje que é possível afirmar que o aprendizado romano com Aníbal se refletiu no terreno, pois ao se analisar as batalhas, é possível verificar que a quantidade de princípios seguidos pelos comandantes romanos aumentou ao longo do tempo, principalmente os princípios da Manobra e da Segurança. Os generais romanos, sem perder a agressividade característica, passaram a ter precauções para não serem surpreendidos pelo inimigo, aprendendo que colocar as tropas em posições vantajosas é fundamental para a vitória.

Não houve, entretanto, nenhum método romano para treinar seus generais, com os comandantes sendo sempre os senadores e magistrados eleitos. Ninguém ensinou aos romanos quais são os 12 princípios de guerra. O que mudou foi que, aos poucos, os mesmos homens foram ficando mais experientes, após anos de campanhas no Mediterrâneo. Esses homens também tinham mais chances de serem reeleitos, pois o povo tendia a votar naqueles que já haviam tido sucesso na guerra.

A maior utilização dos princípios de guerra pelos comandantes romanos foi consequência da experiência acumulada ao longo dos combates na Segunda Guerra Púnica. Assim, os princípios de guerra não foram a causa da vitória romana: foram o reflexo de anos de aprendizado em batalha, um indicador da melhoria na eficiência dos comandantes romanos ao longo do conflito. Isso é totalmente congruente com o próprio conceito do que é um princípio de guerra: “Princípios de Guerra são normas básicas de procedimento, consagradas pela experiência, que visam ao sucesso na condução da guerra” (BRASIL, 1997, p.4-1)

É necessário salientar que a aquisição de experiência só foi possível devido à flexibilidade do sistema militar romano. Como diz Goldsworthy (2001), Roma sempre procurou aprender com os povos que derrotava. A formação em manípulos, por exemplo, foi copiada dos samnitas, que eram uma das tribos italianas. A flexibilidade no pensamento tático, estratégico e político foi o que permitiu a Roma adequar seus procedimentos de acordo com as práticas que se provavam mais vitoriosas.

REFERÊNCIAS

ALVES, J.V. Portella. **Seis séculos de artilharia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959

BAGNALL, Nigel. **The Punic Wars 264–146 BC**. Osprey, 2014

BEARD, Mary. **SPQR: Uma história da Roma Antiga**. Tradução: Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017

BRASIL. Ministério do Exército. C 100-5: **Operações**. Brasília: EME, 1997

_____. Ministério da Defesa. EB20-MF – 10.102: **Doutrina Militar Terrestre**. Brasília: EME, 2014

_____. Ministério da Defesa. EB70-MC-10.223: **Operações**. Brasília: COTER, 2017

_____. Ministério da Defesa. MD51-M-04: **Doutrina Militar de Defesa**. Brasília: SPEAI/MD, 2007

CARTWRIGHT, Mark. **Carthaginian Society**. 16 jun. 2016. Disponível em: <https://www.ancient.eu/article/908/carthaginian-society/>. Acesso em: 1 maio 2019

_____. **Carthaginian warfare**., 13 jul. 2016. Disponível em: https://www.ancient.eu/Carthaginian_Warfare/. Acesso em: 1 maio 2019

DOCTER, Roald. Punic Carthage. *In*: DOCTER, Roald; BOUSSOFFARA, Ridha; KEURS, Pieter ter (ed.). **Carthage: Fact and Myth**. Sidestone Press, 2015

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Mediterranean vegetation**. . Encyclopaedia Britannica, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/plant/Mediterranean-vegetation>. Acesso em: 28 abr. 2019

_____. **Roman road system**. Encyclopaedia Britannica, 3 abr. 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/Roman-road-system>. Acesso em: 1 maio 2019

_____. **Second Punic War**. 24 jun. 2014. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Second-Punic-War>. Acesso em: 2 maio 2019

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GOLDSWORTHY, Adrian. **Em nome de Roma**. Tradução: Claudio Blanc. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016

_____. **The fall of Carthage: The Punic Wars 265-146 BC**.. London: Cassel, 2001

HOLMES, Richard; PIMLOTT, John. **Atlas Hutchinson de planos de batalha**. Tradução: Luiz Carlos Carneiro de Paula. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007

HOYOS, Dexter. The second punic war. *In*: CAMPBELL, Brian ; TRITTLE, Lawrence A. (ed.). **The oxford handbook of warfare in the classical world**. New York: Oxford University Press, 2015. cap. Chapter 31

KEEGAN, John. **A history of warfare**. New York: Random House, 1993

KNIGHTS, Melanie F. *et al.* **Italy: Land**. Encyclopaedia Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Italy/Land>. Acesso em: 28 abr. 2019

LAMB, H.H. **Climate, history and the modern world**. 2. ed. London: Routledge, 1995

MAGALHÃES, João Batista. **Estudo histórico sobre a guerra antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006

MATYSZAK, Philip. **The enemies of Rome**. London: Thames & Hudson Ltd., 2004

MURPHY, Emma *et al.* **Tunisia**. Encyclopaedia Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Tunisia>. Acesso em: 28 abr. 2019

PARKER, James. **Comparing Strategies of the 2d Punic War: Rome's Strategic Victory Over the Tactical/Operational Genius, Hannibal Barca**. 2001. Dissertação (Strategy Research Project) - U.S. Army War College, Carlisle Barracks, 2001.

PRESLAND, James. **Lions led by donkeys**. [2015?]

SAVIAN, Elonir José; LACERDA, Paulo Henrique Barbosa. **Introdução ao estudo de história militar geral**. Resende: AMAN, 2015

SCHUBERT, Adrian *et al.* **Spain**. Encyclopaedia Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Spain>. Acesso em: 28 abr. 2019

TAYLOR, Donathan. **Roman Republic at war: A compendium of roman battles from 502 to 31 BC**. Southern Yorkshire: Pen and Sword, 2017

WILLIAMSON, Mitch. **A Summer Slaughter – Cannae, August 2, 216 B.C.** 27 jan. 2016. Disponível em: <https://weaponsandwarfare.com/2016/01/27/a-summer-slaughter-cannae-august-2-216-b-c/>. Acesso em: 2 maio 2019